

**Aparecida Maria Peres Mainenti**

**Jorge Luiz Marques de Moraes**

**MANUAL PARA DOCENTES**  
**CURSO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**  
**TÉCNICAS E RECURSOS MULTIMÍDIA**



**Rio de Janeiro, 2023**

**MANUAL PARA DOCENTES**  
**CURSO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**  
**TÉCNICAS E RECURSOS MULTIMÍDIA**

**Aparecida Maria Peres Mainenti**

**Jorge Luiz Marques de Moraes**

**MANUAL PARA DOCENTES**  
**CURSO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**  
**TÉCNICAS E RECURSOS MULTIMÍDIA**

**1ª Edição**



**Rio de Janeiro, 2023**

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

M225 Mainenti, Aparecida Maria Peres

Manual para docentes : curso de contação de histórias : técnicas e recursos multimídia / Aparecida Maria Peres Mainenti ; Jorge Luiz Marques de Moraes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Imperial Editora, 2023.

98 p.

Bibliografia: p. 82-89.

ISBN: 978-65-5930-177-5.

1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Letramento literário. 3. Arte de contar histórias. 4. Leitura. 5. Multiletramento. 6. Anos iniciais do ensino fundamental – Estudo e ensino. I. Moraes, Jorge Luiz Marques de. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 807

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

## RESUMO

MAINENTI, Aparecida Maria Peres. **Manual para Docentes - Curso de Contação de Histórias – Técnicas e Recursos Multimídia**. 2023. 98f. Produto Educacional da Pesquisa Contação de Histórias, um caminho para aprimorar o letramento literário, realizada no âmbito do Mestrado Profissional do Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, Rio de Janeiro, 2023.

O produto educacional construído classifica-se como Manual para Docentes - Curso de Contação de Histórias, em ambiente virtual, destinado a capacitar professores quanto às técnicas e práticas pedagógicas de Contação de Histórias de obras da literatura infantil brasileira. Explora um variado repertório, com vistas ao enriquecimento do letramento literário, com apoio de recursos multimídia, vinculando-os às abordagens pedagógicas que busquem o aperfeiçoamento da capacidade leitora, interpretativa e escritora do público infantil. A estratégia pedagógica utilizada para a realização do Curso de Contação de Histórias foi inspirada nas concepções de Rildo Cosson sobre Círculos de Leitura. Tem como objetivo orientar, conduzir os trabalhos de preparação (seleção de obras nacionais de literatura infantil e identificação de recursos digitais e de técnicas de Contação de Histórias), e de execução da atividade de Contação de Histórias com a inserção desses elementos. A estrutura básica do Curso de Contação de Histórias está apoiada em 4 (quatro) módulos, nos quais são apresentados os temas relativos aos seguintes conceitos: Literatura Infantil, Contação de Histórias, Técnicas e Práticas Pedagógicas e Multiletramento. Por meio dos trabalhos desenvolvidos no Curso de Extensão promovido sob a chancela do Colégio Pedro II, concluiu-se que seus participantes foram capazes de reproduzir e criar estratégias de letramento, proporcionando aos seus alunos oportunidades diferenciadas de experimentação prazerosa da leitura literária.

Palavras-chave: contação de histórias; letramento literário; multiletramento.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Logomarca do Curso de Extensão Contação de Histórias – Técnicas e Recursos Multimídia .....	11
Figura 2 - Imagem de Rapunzel .....	14
Figura 3 – Poster da animação Alice no País das Maravilhas .....	15
Figura 4 - Poster do Filme Pinóquio, de Matteo Garrone (2020) .....	15
Figura 5 - Ilustração de Monteiro Lobato entre livros .....	17
Figura 6 – Estimulando a imaginação por meio do de livro infantil .....	20
Figura 7 – Ilustração de A Bela e a Fera .....	21
Figura 8 – Capa do livro Uma Professora muito Maluquinha .....	22
Figura 9 – Capa do livro Rapunzel e o Quibungo .....	24
Figura 10 – Capa do livro Na Floresta – Contos de Fadas dos Irmãos Grimm em Quadrinhos .....	25
Figura 11 - Poster do filme Cinderela (2015) .....	26
Figura 12 - Foto da peça teatral A Bela e a Fera (Trupe Dourados Produções) .....	27
Figura 13 - Foto da peça teatral Pluft, o Fantasminha (2019) .....	27
Figura 14 – Tipos de leitores representados por animais .....	28
Figura 15 – O Homem das Cavernas contando histórias .....	30
Figura 16 – Práticas Pedagógicas ultrapassadas – “Cenas de Escola”, de 1960 .....	31
Figura 17 – Ilustração do livro <i>The Storyteller</i> , de Evan Turk (2016) .....	33
Figura 18 - Expressão Corporal - O aquecimento do artista .....	34
Figura 19 – A preparação do contador de histórias .....	36
Figura 20 – Dedoches .....	36
Figura 21 – Bonecos Bocão .....	37
Figura 22 - Marionetes para o teatro de fantoches .....	37

Figura 23 – Dobraduras – Origami japonês (animais) .....	38
Figura 24 – Cena do filme Avatar (2009) .....	38
Figura 25 – Conjunto de efeitos sonoros de estilo cômico .....	39
Figura 26 - Cena de Dramatização na Educação Infantil .....	41
Figura 27 – Flanelógrafo .....	41
Figura 28 – Caixa de Cinema Infantil .....	42
Figura 29 – Teatro de Sombras com caixa de papelão .....	43
Figura 30 – Teatro de Sombras com Lençol .....	44
Figura 31 - Técnica de Livros Bordados Mãos que Contam .....	45
Figura 32 – "Ciranda de tapetes", de Daniela Fossaluzza/Grupo Tapetes Contadores de Histórias ..	46
Figura 33 – TIC na sala de aula – alunos usando óculos de realidade virtual .....	47
Figura 34 – Hipermodalidade .....	48
Figura 35 - O Multiletramento e a BNCC .....	49
Figura 36 – Leitura de Imagem – ilusão de ótica .....	50
Figura 37 - Três Tipos de Leitores, segundo Santaella (2012) .....	50
Figura 38 – Recursos Multimídia – instrumentos digitais .....	51
Figura 39 – Capa do livro A Outra História da Cigarra e a Formiga .....	53
Figura 40 - Ilustração sobre a formação do leitor crítico .....	54
Figura 41 – Foto da história O Chapéu, de Eva Furnari (páginas1 e 2) .....	55
Figura 42 – Foto de capa e contracapa do livro Outra Vez, de Angela Lago .....	55
Figura 43 – Foto de capa do livro História de Amor, de Regina Rennó .....	56
Figura 44 – Capa do livro O Pequeno Príncipe Preto, de Rodrigo França .....	56
Figura 45 - Capa do livro Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque .....	57
Figura 46 – Tela em Arte Naif Minha Querida Amazônia, Coração Verde e Amarelo do Brasil .....	58

Figura 47 - Imagem de livro bordado na técnica de arte peruana Arpillera .....	59
Figura 48 - Cena da apresentação do poema O Elefante, de Carlos Drummond de Andrade .....	60
Figura 49 - Ilustração de uma sala de aula multimídia .....	61
Figura 50 - Logomarca do aplicativo multimídia <i>Animaker</i> para animação .....	62
Figura 51 - Foto de Gilberto Gil na gravação do <i>clip</i> “Pela Internet II” .....	63
Figura 52 - Imagem de curumim (criança indígena brasileira).....	64
Figura 53 – Foto de divulgação de Ailton Krenak .....	65
Figura 54 - Foto de divulgação de Daniel Munduruku .....	65
Figura 55 – Keraná (personagem da mitologia guarani), representando Potira .....	66
Figura 56 - Elemento da cultura afro-brasileira .....	68
Figura 57 – Capa do livro <i>Marcelo, Marmelo, Martelo</i> , de Ruth Rocha .....	70
Figura 58 – Capa do livro <i>Curiosidade Premiada</i> , de Fernanda Lopes de Almeida .....	71
Figura 59 – Capa do livro <i>Os Três Porquinhos</i> , de Joseph Jacobs .....	72
Figura 60 – Capa do livro <i>A Semente da Verdade</i> , de Patrícia Angel Secco .....	73
Figura 61 - Ilustração da história infantil “Jurema: a Joanhinha Valente”, de Karla C. Velho .....	74
Figura 62 – Capa do livro <i>O Reizinho Mandão</i> , de Ruth Rocha .....	75
Figura 63 – Capa do livro <i>Brinquedos da Felicidade</i> , de Raquel Chaves .....	76
Figura 64 – Logomarca do Curso de Extensão <i>Contação de Histórias – Técnicas e Recursos Multimídia</i> .....	90
Figura 65 – <i>Sonhos Yawanawá</i> – trabalho produzido por artista da etnia Yawanawá .....	94
Figura 66 - <i>Maikan e Tukui - Raposas e Beija-flores</i> - arte indígena da etnia Makuxi .....	96
Figura 67 - Ilustração de Tia Nastácia, personagem de <i>O Sítio do Pica-Pau Amarelo</i> , de Monteiro Lobato (2008) .....	98

## LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Ementa do Curso de <i>Contação de Histórias – Técnicas e Recursos Multimídia</i> .....	78
---	----



## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 LITERATURA INFANTIL E LETRAMENTO LITERÁRIO .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS .....</b>	<b>29</b>
<b>2.3 TÉCNICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS .....</b>	<b>33</b>
<b>2.4 MULTILETRAMENTO E RECURSOS MULTIMÍDIA .....</b>	<b>46</b>
<b>3 CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS .....</b>	<b>53</b>
<b>3.1 MÓDULO I - LITERATURA INFANTIL E LETRAMENTO LITERÁRIO .....</b>	<b>53</b>
<b>3.2 MÓDULO II - CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS .....</b>	<b>57</b>
<b>3.3 MÓDULO III - MULTILETRAMENTO E RECURSOS MULTIMÍDIA .....</b>	<b>60</b>
<b>3.4 MÓDULO IV - MONTAGEM E APRESENTAÇÃO DE ATIVIDADES .....</b>	<b>64</b>
<b>4 TRABALHOS FINAIS APRESENTADOS .....</b>	<b>70</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>82</b>
<b>APÊNDICE A - Material de Leitura Prévia Técnicas na Contação de Histórias .....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO A - Brincando de Contar Histórias, de Daniel Munduruku .....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXO B - Catando Piolhos, Contando Histórias, de D. Munduruku .....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXO C - Excertos do artigo Negras histórias (a valorização da cultura oral afro-brasileira)..</b>	<b>98</b>



## 1 APRESENTAÇÃO

O Produto Educacional **Manual para Docentes de Curso de Contação de Histórias – Técnicas e Recursos Multimídia** integra o trabalho de conclusão do curso da Mestranda Aparecida Maria Peres Mainenti, realizado no âmbito do Mestrado Profissional de Práticas da Educação Básica (MPPEB) do Colégio Pedro II, cuja pesquisa recebeu o título **Contação de Histórias, um caminho para aprimorar o letramento literário**.

O objetivo deste produto educacional é possibilitar a capacitação de professores quanto às técnicas de Contação de Histórias com apoio de recursos multimídia, habilidade necessária para desenvolvimento da oralidade em alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, conforme prescreve a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018).

A estratégia pedagógica utilizada foi inspirada nas concepções de Rildo Cosson sobre Círculos de Leitura. Visa a orientar, a conduzir os trabalhos de preparação, de execução e de avaliação das metas traçadas nos objetivos específicos da pesquisa, no tocante à seleção de obras nacionais de literatura infantil e identificação de recursos digitais e de técnicas de Contação de Histórias.

O produto educacional Manual para Docentes teve como mola propulsora o Curso de Extensão **Contação de Histórias – Técnicas e Recursos Multimídia**, que foi programado para uma carga horária de 25 horas, sendo 15 horas síncronas, por meio do aplicativo *Google Meet*, e 10 horas assíncronas destinadas ao cumprimento de tarefas pertinentes aos temas estudados, por meio da Plataforma *Moodle* do Colégio Pedro II. As aulas síncronas, realizadas por oito semanas consecutivas, tiveram a duração de duas horas. A cada aula, um novo assunto era tratado.

Figura 1 – Logomarca do Curso de Extensão Contação de Histórias – Técnicas e Recursos Multimídia



Autor Vicente Marinho de Alcantara, 8 anos (2022)

O Manual para Docentes – Curso de Contação de Histórias – Técnicas e Recursos Multimídia está planejado para se desenvolver em quatro módulos, em que são explanados temas específicos, a saber: Módulo I – Literatura Infantil e Letramento Literário; Módulo II – Contação de Histórias – Técnicas e Práticas Pedagógicas; Módulo III – Multiletramento e Recursos Multimídia; e Módulo IV – Montagem e Apresentação de Contações de Histórias, conforme ementa disponibilizada às páginas 78-79.

Como sugestão, baseada em experiência exitosa realizada por ocasião do Curso de Extensão referido anteriormente, recomendo aos docentes que o lecionarem, que convidem profissionais especialistas nos temas tratados nos Módulos para palestras aos cursistas. Esse recurso foi utilizado no Módulo II, em evento que contou com a participação da atriz e produtora cultural Daniele Ramalho, que ministrou palestra sobre Técnicas, Voz e Gesto na Contação de Histórias, recebendo honrosos elogios por parte de alunos e pesquisadora e reverberando em encontros posteriores.

Um dos pilares para o bom andamento do Curso é a execução de tarefas, individuais e em grupo, que progressivamente demonstram, na prática, a assimilação dos conhecimentos nas atividades de Contação de Histórias. Essas tarefas devem ser detalhadas pelo docente nas aulas síncronas e postadas, com o máximo de informações possíveis, na plataforma virtual em datas estipuladas ao longo do curso.

Na plataforma virtual, os alunos devem encontrar material didático-pedagógico de apoio, relativo a cada módulo. Esse ambiente virtual serve também, dentre outras finalidades, para a comunicação entre professor e participantes do curso, recepção e entrega de tarefas pertinentes aos módulos.

Deixo aqui meu agradecimento especial aos professores cursistas do Curso de Extensão em Contação de Histórias – Técnicas e Recursos Multimídia, que durante oito semanas participaram intensamente das aulas, ofertando à pesquisa seu precioso tempo, disposição e conhecimento para que este estudo pudesse ser concluído a contento, formulando e solucionando questões de incalculável importância para o enriquecimento do tema.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A pesquisa que norteia o Manual para Docente – Curso de Contação de Histórias – Técnicas e Recursos Multimídia ora descrito tem como base a premissa de que a Contação de Histórias é uma via de acesso muito eficaz para o letramento literário, identifica-se com os seus conceitos-chave o Letramento Literário, a Contação de Histórias e o Multiletramento, e se apoia nessa tríplice combinação para oferecer aos leitores oportunidades reais de alcance da meta desejada – o letramento literário.

Diante disso, está exposto a seguir os pressupostos teóricos que embasaram a construção desse Manual para Docentes, para logo após apresentar as atividades, metodologias, ementas e material didático-pedagógico a ser utilizado pelo professor que lecionar o Curso de Contação de Histórias.

### 2.1 LITERATURA INFANTIL E LETRAMENTO LITERÁRIO

#### Breve história da Literatura Infantil no mundo e no Brasil

Segundo Costa (2008), a literatura surge com a tradição oral, o que significa dizer que, desde os primórdios da história humana, houve uma intrínseca relação entre literatura e oralidade. A autora revela também, em seu livro **Literatura Infantil**, publicado em 2008, alguns aspectos históricos da Literatura para crianças, que exponho a seguir.

Os gêneros mais difundidos na Antiguidade Clássica eram histórias do folclore, lendas, mitos e narrativas exemplares e possuíam fins moralizadores, como diz Costa (2008). Exemplo disso são as fábulas de Esopo, fabulista grego, fonte de inspiração para outros escritores como Fedro e La Fontaine.

Na Idade Média, as crianças nobres tinham como preferência de leitura autores tradicionais. Já as crianças desfavorecidas se interessavam por histórias de cavalaria, de aventura e narrativas picarescas de heróis espertos. A literatura popular ganha, nesta fase histórica, grande importância. (SOUZA, 2008)

No século XV, por volta de 1430, a invenção da Imprensa traz uma mudança muito grande nos padrões de narrativas e gêneros literários. Surgem entre os séculos XV e XVII os primeiros livros de literatura infantil – catecismos, fábulas e livros com narrativas de comportamentos exemplares (SALEM, 1970, p. 23 *apud* COSTA, 2008, p.65-66).

Prosegue Costa (2008), lembrando que, no final do século XVII (1697), Charles Perrault publica as seguintes histórias de tradição oral, chamadas de contos de fadas, como “A Bela Adormecida”, “A Gata Borralheira”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Pequeno Polegar” e “Pele de Asno”.

Nessa mesma linha de narrativas, diz a pesquisadora (2008), alguns autores também se apresentam para marcar seu lugar na literatura infantil mundial. São eles: Fénelon – literatura didática – *As aventuras de Telêmaco*; Galland, que traduziu para o francês em 1704 o célebre conto *As Mil e Uma Noites*; e Madame d’Aulnoy, que publicou a obra *Contos de fadas*, inaugurando dessa maneira a expressão usada até hoje para as histórias cujos elementos se compõem de fantasia e magia.

Ainda de acordo com Costa (2008), o século XIX, mais precisamente 1812, traz a primeira publicação dos irmãos mais conhecidos da literatura infantil – Jacob e Wilhelm Carl Grimm – Os Irmãos Grimm, que publicam *Contos de Grimm*, uma coleção com diversas histórias: “Branca de Neve e os Sete Anões”, “João e Maria”, “Os Músicos de Bremen”, “Rapunzel”, “A Bela e a Fera”, “A Bela Adormecida”, “Cinderela” etc.

Figura 2 – Rapunzel



Ilustração de Alix Berenzy (1995)

Em seguida, são publicadas novas histórias infantis de autoria de Hans Christian Andersen, entre 1835 e 1872 (ano de sua morte), que povoam o imaginário das crianças e dos adultos até hoje – “O Patinho Feio”, “O Soldadinho de Chumbo”, “A Pequena Sereia” etc. (COSTA, 2008).

Com a valorização social da criança, essas narrativas passaram a ser contadas para as crianças com finalidade formativa. Assim a escritora explica: “Os contos de fadas facilitaram o uso do lúdico

junto ao cognitivo; contribuindo intensamente para a criação de um gênero específico voltado para o público infantil. Portanto, voltado, dessa forma, para o desenvolvimento da psique infantil.” (Costa, 2008, p.68)

Concomitantemente, ainda no século XIX, surgiram histórias consideradas “fora do padrão” da época, como por exemplo:

*Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll (1865), classificada como literatura *nonsense*;

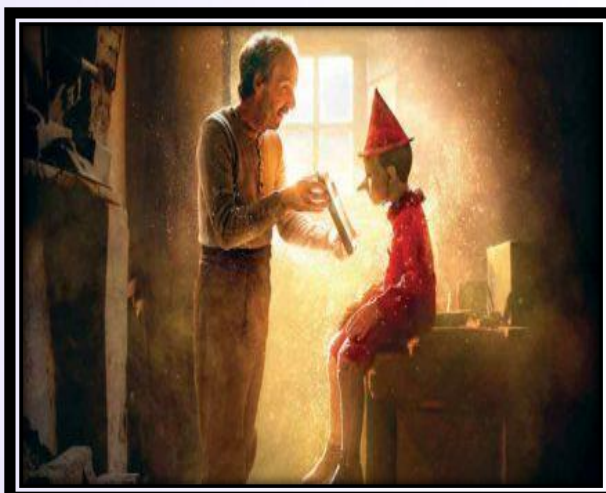
Figura 3 – Poster da animação de Alice no País das Maravilhas



Fonte: Produções Walt Disney (1951)

e *As aventuras de Pinóquio*, de Carlo Lorenzini (1881-1883).

Figura 4 – Cena do filme Pinóquio, de Matteo Garrone (2020)



Fonte: site Cinema, Cultura & Afins (WordPress.com), upload 15.01.21

## Literatura Infantil no Brasil

Antes do início da produção de publicações literárias no gênero infantil no país, segundo Costa (2008), havia o predomínio da literatura oral, tanto por falta de uma literatura infantil nacional, quanto porque apenas uma pequena elite econômica era capacitada para realizar leituras.

Com a fundação da Imprensa Régia, em 1808, por ocasião da transferência da Corte Real de Portugal para o Brasil, continua a autora, as portas se abrem para as publicações de traduções de obras clássicas e de matérias de origem nacional também, embora estas últimas mais escassas do que as primeiras.

Contudo, a literatura infantil brasileira só aparecerá após a Proclamação da República, com o lançamento da revista infantil *O Tico-tico*, com textos de invenção, jogos e brincadeiras, textos de informação científica e ilustrações chamativas. A maior parte das publicações ainda era de obras traduzidas de outros idiomas. (COSTA, 2008)

A escola teve papel fundamental na valorização da literatura nesse período, utilizando obras nacionais na sua prática pedagógica. O primeiro livro de repercussão escolar foi “*Os livros do povo*”, publicado em 1861, de autoria de Antonio Marques Rodrigues, como afirma Costa (2008).

Em fins do século XIX e início do século XX, autores consagrados da literatura para adultos também escreveram para crianças, como Olavo Bilac, Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, entre outros. Algumas publicações merecem destaque:

- Na prosa, *Contos da Carochinha* (1896), de Figueiredo Pimentel, com narrativas de fadas, fábulas e contos exemplares.
- Na poesia, *Coração* (1893) e *Livro das Crianças*, de Zalina Rolim; *Poesias Infantis* (1904), de Olavo Bilac e *Alma Infantil* (1912), de Francisca Júlia e Júlio da Silva.

## A Era Lobatiana

Entre 1920 e 1945, a criação literária infantil aumenta o número de obras, tendo em vista o fato de o mercado se apresentar favorável, devido a fatores sociais: maior número de consumidores, avanço da industrialização e aumento da escolarização dos grupos urbanos.



Figura 5 – Monteiro Lobato entre livros



Fonte: Ideia Criativa Atividades Pedagógicas (2021)

Esse período é conhecido como Era Lobatiana, devido ao grande alcance das publicações de Monteiro Lobato, intitulado o pai da literatura infantil brasileira, que, por meio de uma linguagem coloquial, expressões regionais e um ambiente cultural mais conhecidos do público brasileiro, tornava a leitura de suas histórias mais fáceis e agradáveis. Em 1921, Lobato publica sua primeira obra infantil de grande sucesso *Narizinho Arrebitado*, e em seguida a série de livros *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, com numerosas histórias que caíram no gosto infantil. Para Carvalho, 1982, p. 32 *apud* COSTA, 2008, p.73, “Lobato criou um universo para a criança, num cenário natural, enriquecido pelo folclore de seu povo, aspecto indispensável à obra infantil.

A década de 1950 ficou conhecida pelo que foi chamado de “a crise da leitura infantil”, ocasionada, segundo alguns autores, pelo destaque dado ao surgimento das histórias em quadrinhos, considerado um produto cultural estrangeiro que prejudicava o desenvolvimento da cultura nacional.

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pelo fomento e a discussão da literatura infantil. Nasceram instituições preocupadas com a leitura e o livro infantil, como por exemplo, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Outra característica do período é a tendência contestadora das obras publicadas e a criação da chamada ficção moderna.

Hoje, as funções da literatura infantil no Brasil, segundo Costa (2008), estendem-se para além da educação formal. A autora destaca os seguintes elementos: o conhecimento do próprio indivíduo-leitor; o entretenimento; o experimentalismo na linguagem narrativa; o lúdico; e a aventura do conhecimento humano.

## O letramento literário

Segundo Magda Soares (2009): “Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (2009, p. 38). Entende-se assim letramento como resultado do processo de alfabetização, em que foram desenvolvidas práticas sociais decorrentes do aprendizado das técnicas de leitura e escrita.

Considerando esse variado leque de práticas sociais em que a escrita atua, Souza e Cosson (2011) acreditam ser adequado o termo letramentos, no plural, mesmo, para denominar essa abrangência de atuação da leitura e da escrita. Desse entendimento que o letramento atua de forma plural, surgem novas expressões, como letramento literário, letramento visual, letramento crítico, letramento digital, letramento financeiro, letramento midiático e até letramento matemático ou numeramento, que trata do processo de construção de sentido com os números.

Zilberman (2010) traça uma definição para letramento literário, que possibilita uma visão nítida e objetiva de seu significado. Nas palavras da autora,

(...) o letramento literário se efetiva quando acontece o relacionamento entre um objeto material, o livro, e aquele universo ficcional, que se expressa por meio de gêneros específicos – a narrativa e a poesia, entre outros – a que o ser humano tem acesso graças à audição e à leitura” (ZILBERMAN, 2010, p.130).

A finalidade do letramento literário escolar, como afirmam Souza e Cosson (2011), é a formação de leitores capazes de, inseridos em uma comunidade, construir sentido para si mesmos e para os demais, com os instrumentos culturais que aprenderam a manipular.

Esse pensamento é confirmado por Barbosa e Souza (2015), que enfocam a importância do uso de obras literárias na prática pedagógica para a formação e desenvolvimento do aluno-autor, autônomo e criativo.

Versiani (2012) acredita que tudo pode ser lido, mas alerta para a importância da preparação do sujeito-leitor para lidar com as diferentes linguagens, e as especificidades - limites e possibilidades – de cada linguagem e cada mídia.

Continua a autora, agora dirigindo-se àqueles que se dedicam à formação de leitores:

Assim, aqueles que se empenham na formação de leitores devem ter em mente a necessidade de constantemente trabalhar com variadas linguagens e meios – linguagens como a literária, a cinematográfica, a fotográfica; meios como a televisão, o cinema, o livro, a Internet, o rádio. Isso porque não só as linguagens informativas precisam ser compreendidas, mas também aquelas que podem nos proporcionar diversão, prazer, experiências sensoriais, experiências intelectuais (VERSIANI, 2012, p.52-53).

## Os gêneros textuais na literatura para crianças

Costa (2013), apoiada em Aguiar (2001), cujo livro **Era uma vez ...na escola, formando educadores para formar leitores** apresenta uma didática e bem organizada categorização dos gêneros textuais na literatura para crianças, classifica o texto literário infantil narrativo da seguinte forma:

Quanto à estrutura:

- Mitos – narrativa atemporal, que procura a origem das coisas, na “*unidade originária da consciência e do mundo*”. Exemplo: narrativa sobre a origem do mundo, o aparecimento do guaraná, das Cataratas do Iguaçu etc.
- Lendas – possui base histórica, algumas vezes de criação coletiva do povo, de forte fator de idealização. Ex.: Negrinho do Pastoreio, Lenda do Boitatá, Saci Pererê, Cuca etc.
- Fábulas – os personagens são animais falantes; há sempre diálogos entre os animais e os humanos, há sempre uma moral implícita, no início ou no final da narrativa
- Apólogos – semelhante à fábula, pois possui personagens não humanos, apresenta diálogo e moral (implícita ou explícita). Os personagens são objetos inanimados como plantas, pedras, rios e objetos fabricados. Ex.: Páginas de Pano.
- Contos – narrativa curta e sintética, que contém uma única ação, poucos personagens, em tempo e espaço reduzidos com poucos acontecimentos. Ex.: Contos de Fadas, contos do cotidiano etc.
- Novelas – Apresenta várias ações simultâneas, com grande número de personagens e desenvolvimento linear de narrativa (começo, meio e fim, nessa ordem). Ex.: *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis* etc.
- Crônicas – narrativa curta, assuntos do cotidiano, com senso de observação e tratamento lírico. Em geral, no tempo presente. Ex.: *Meninos e Meninas e Cadeira de Balanço*, de Domingos Pelegrini, e *Fala, amendoeira*, de Carlos Drummond de Andrade.

Quanto à temática:

Ela pode tratar sobre cotidiano, aventura, sentimentos infantis, relações familiares, questões históricas e sociais, questões ambientais, ficção científica, policial e religiosidade. Não há limite para as temáticas.

A característica da literatura para criança é a maneira como esses assuntos são tratados.

É recomendável que o professor, ao selecionar textos literários para a leitura de seus alunos, considere os interesses dos leitores pelo tema, os objetivos que pretende atingir com a leitura proposta e os meios de alcançá-los. (COSTA, 2013)

Figura 6 – Estimulando a imaginação por meio do livro infantil



Autor: Diogo Nogue (2018)

A Poesia, como gênero literário para crianças, se apresenta, segundo Aguiar (2001) e Costa (2013), como:

- Poesia autoral - de criação própria. Ex.: *Ou isto ou Aquilo*, de Cecília Meireles
- Poesia folclórica – cantigas, parlendas, as quadrinhas.

Em geral, são construções simples, com rimas, versos isométricos e boa dose de *nonsense*. Ex.: *Cavalinho de Vento*, de Eliardo França, e *O livro do trava-língua*, de Cecília Alves Pinto.

### Os principais autores da literatura infantil brasileira

Destacam-se dentre outros, na

- década de 1900 – Olavo Bilac;

- década de 1920 - Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Viriato Correia;
- década de 1970 em diante – tendência contestadora, pois produziam o experimentalismo com a linguagem, com a estruturação narrativa, com o visualismo do texto e questionavam os valores da sociedade, muitos continuam a fazê-lo até hoje.”

Os principais autores da década de 1970 são: Ana Maria Machado, Eva Furnari, Sylvia Orthoff, Ary Quintella, Bartolomeu Campos de Queirós, Clarice Lispector, Lygia Bojunga Nunes, Manoel de Barros Marina Colasanti, Mario Quintana, Raquel de Queiroz, Roger Melo, Ruth Rocha, Ziraldo, entre outros.

Na atualidade, despontaram Adriana Falcão, Chico Buarque de Holanda, Daniel Munduruku, Heloisa Prieto, Rodrigo França, Roseana Murray, Yago Alvim e outros tantos.

### **A relação texto-imagem na literatura para crianças (a ilustração)**

Para Rui de Oliveira (2008), é necessário haver uma “alfabetização visual” antes até da alfabetização verbal, para tornar as crianças mais críticas e servindo de introdução à verbalização, que facilitaria e tornaria esse processo mais agradável.

Uma alfabetização visual consiste em ensinar as crianças a entender e criticar as imagens, sem, meramente, executarem atividades manuais e de ensino de educação artística.

Figura 7 – A Bela e a Fera



Ilustração de Rui de Oliveira (2015)

As ilustrações são vistas a partir das experiências de vida das crianças e não estão dissociadas do seu dia a dia: é aquilo que se tem contato no cotidiano que influi no modo como as crianças

aprendem as ilustrações, as decodificam e, a partir delas, aprendem. São como textos escritos: possuem uma linguagem, estruturada a partir de uma gramática visual, a qual rege seus preceitos, organizando a forma como as ilustrações são constituídas mediante diversos elementos e recursos técnicos, como cor, traço, profundidade, dentre outros. (Oliveira *apud* Neres, 2005)

Ilustrar, portanto, é “escrever por imagens” (OLIVEIRA, 2008, p.10).

A articulação entre texto e imagem consiste em uma dupla narração, como afirmam Poslaniec e Houyel (2000): “Na maior parte do tempo, lógica textual e lógica iconográfica estão articuladas para uma melhor compreensão” (Poslaniec; Houyel, 2000 *apud* Faria, 2010, p.39).

Figura 8 - Capa do livro Uma Professora muito Maluquinha

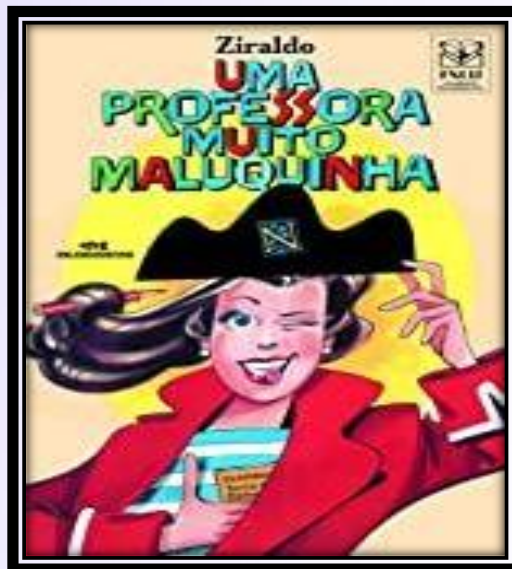


Ilustração de Ziraldo (1999)

Com base em Faria (2010), destaco outros pontos interessantes de se observar, que são características da trajetória do olhar e que podem oferecer diferentes leituras da relação texto e imagem.

Na relação de complementaridade, texto escrito e ilustrações apresentam contribuições específicas e funções diferentes, a saber:

- quando o texto é o elemento principal da narrativa, a imagem capta uma cena importante, ou seja, serve para fixar um momento-chave da narrativa. Exemplos: O bordado encantado, texto de Edmir Perrotti e ilustrações de Helena Alexandrino; e A menina dos cabelos, texto de Maria Amélia Ortigão e ilustrações de Ricardo Leite;

- quando as ilustrações e texto se equilibram em importância. Exemplo: - Cotovia, texto de Lúcia Villares e ilustrações de Helena Alexandrino; e Aviãozinho de Papel, texto e ilustrações de Ricardo Azevedo.

Há livros em que a imagem é o elemento principal da narrativa. Nesse aspecto, segundo Faria (2010), observam-se:

- a) os elementos estáticos, ligados à descrição, por meio de sugestões espaciais, como o ambiente em que se passa a ação, as personagens e suas características como a roupa que vestem, o lugar em que vivem, seus objetos pessoais etc.
- b) os elementos dinâmicos, ligados ao encadeamento da narrativa, como exprimir com clareza a ação, os gestos e as expressões motivadoras das personagens, além de marcar o ritmo da ação e a progressão da narrativa. (FARIA, 2010, p. 42)

Em livros desse tipo, é preciso atentar-se para o enquadramento das imagens, identificando se há uso de linhas, molduras variadas, fundo colorido ou borda de página e/ou ângulo de vista da cena, captação de cima para baixo ou o inverso. Nos livros infantis predomina o ângulo frontal, na linha do olhar, como orienta Faria (2010).

### **O livro de imagem**

São aqueles que narram histórias por meio de imagens e que não utilizam o texto escrito. Azevedo (1997) define assim o livro de imagens:

Os recursos de um livro sem texto estão vinculados, por exemplo, ao discurso cinematográfico e televisivo e às histórias em quadrinhos, ou seja, profundamente comprometidos com os sistemas expressivos contemporâneos, por sua vez cada vez mais ligados ao texto visual, vide o alto consumo, hoje, de cinema, vídeos, clips, televisão, publicidade, *CD-Rom*, HQ etc. (...) (AZEVEDO, 1997 *apud* FARIA, 2010, p.57-58)

De acordo com Faria (2010), a narrativa nos livros de imagens, em geral, é fragmentada. O autor precisa ser claro e preciso nos elos de encadeamento de cada quadro, ficando os detalhes a cargo da imaginação do leitor. Ela exige rigorosa organização na ordenação de seqüências e dos cortes, bem como nos indícios da passagem do tempo e das mudanças no espaço. Deve haver destaque para o gestual das personagens e tudo o que indica ação e movimento.

Estão disponibilizados às páginas 55 e 56 alguns títulos de livros de imagens – *O Chapéu*, de Eva Furnari, *Outra Vez*, de Angela Lago, e *História de Amor*, de Regina Coeli Rennó.

## As adaptações dos textos clássicos de literatura infantil

O que é um clássico?

Para responder esta pergunta de forma pertinente, nada melhor do que ler o que diz um “clássico”. Ítalo Calvino, em “*Por que ler os clássicos*” (2020), procura propostas de definição, das quais ressalto algumas abaixo:

Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer (CALVINO, p. 11).  
Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes) (CALVINO, 2020, p. 11).  
Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, mais se revelam novos, inesperados, inéditos, quando são lidos de fato (CALVINO, 2020, p.12).

De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), a adaptação de textos clássicos pode ser definida como o ato ou efeito de converter uma obra escrita em outra forma de apresentação, mantendo-se o gênero artístico da obra original e o meio de comunicação através do qual a obra é apresentada, ou seja, adaptar um obra clássica é fazer uma transposição de uma obra literária para outro gênero textual.

Figura 9 - Capa de Rapunzel e o Quibungo



Ilustração de Walter Lara (2012)

O conto de fadas, por ser um clássico por excelência, é um gênero textual que possui um número significativo de adaptações. Por exemplo: *Rapunzel*, dos Irmãos Grimm, inspirou Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho a escreverem *Rapunzel e o Quibungo*. *João e Maria*, também



dos Irmãos Grimm, inspirou Georgina da Costa Martins a escrever *O Menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria*.

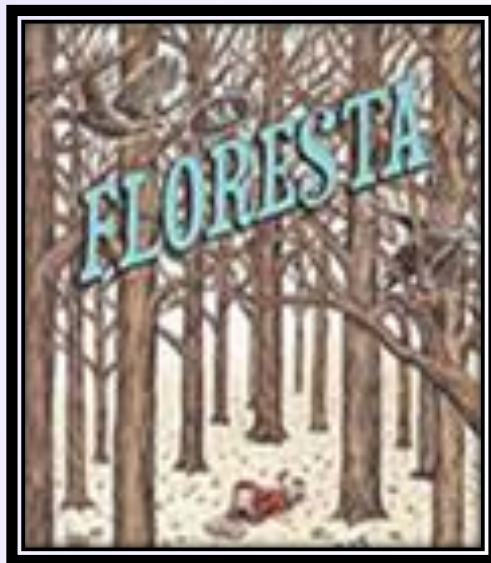
### **As múltiplas linguagens dos textos clássicos da literatura infantil**

As linguagens podem ser definidas como um conjunto de sinais falados, escritos, gesticulados de que se serve o homem para exprimir seus pensamentos e sentimentos.

As múltiplas linguagens se constituem em um caminho de infinitas possibilidades verbais, não verbais, semióticas, digitais e outro conseqüente universo de mídias, como o cinema, a televisão, os jornais, as revistas, a internet, os livros e por aí em diante.

A título de esclarecimento, mídia pode ser conceituada como o veículo de comunicação que transmite uma mensagem de um emissor para um receptor, observadas suas características específicas.

Figura 10 - Capa de Na Floresta - Contos de Fadas dos Irmãos Grimm em Quadrinhos



Fonte: Geraldo Alves (2019)

As Histórias em Quadrinhos (HQ), por exemplo, pertencem a um gênero bastante usado para se reescrever histórias clássicas. Elas possuem uma linguagem objetiva, que, juntamente com o texto e expressões onomatopeicas, levam a mensagem de forma peculiar, valorizando a narrativa e as imagens dentro do estilo do novo autor. Como exemplo, citamos o livro “Na Floresta – Contos de Fadas dos Irmãos Grimm em Quadrinhos”. Esse livro, escrito e ilustrado por diversos autores, reconta vários contos compilados pelos Grimm, na linguagem das HQ.

## A linguagem do cinema

O cinema é uma linguagem que trabalha, em grande proporção, com textos adaptados da literatura mundial. A narrativa e o movimento, mais ágeis e velozes, aliados a efeitos especiais, possibilitam atrair um público bastante diversificado. No âmbito da literatura infantil, muitos são os textos clássicos que foram para as telas, quer seja no cinema ou na televisão, encantando crianças e adultos.

Figura 11 - Poster do filme Cinderela



Fonte: Walt Disney Pictures (2015)

## A linguagem do teatro

Outra linguagem que guarda os segredos do encantamento é a linguagem do teatro. Nela pode-se sentir a proximidade e identificação da trama com o espectador. Uma possível explicação para isso pode estar no fato de a encenação se utilizar de pessoas, seres humanos, com sentimentos e sensações idênticos aos do público que os assiste. Seja qual for o motivo, é importante ressaltar que o texto teatral possui peculiaridades delicadas e requer talento especial para sua produção. (Imagens de *A Bela e a Fera* e *Pluft, o Fantasminha*).

Figura 12 - Foto da peça teatral A Bela e a Fera (Trupe Dourados Produções)



Fonte: Site G1.globo.com (2017)

Figura 13 - Foto da peça teatral Pluft, o Fantasminha (2019)



Fonte: Redação Sou BH (2019)

### **A formação do leitor crítico e criativo**

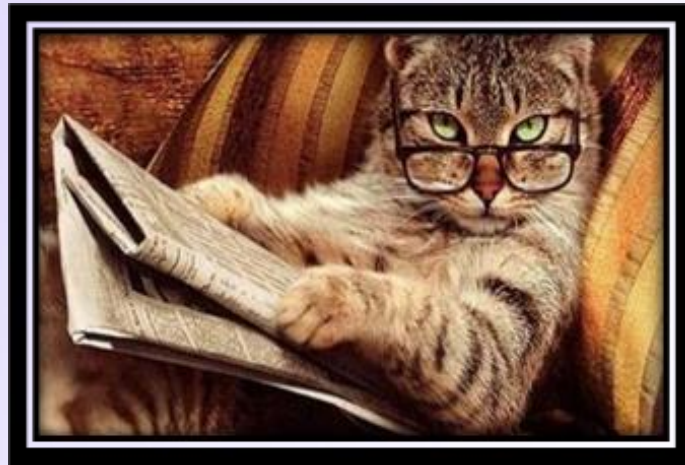
O processo de formação de leitores pressupõe obrigatoriamente um mediador, que pode ser a escola, o professor, a família etc. A responsabilidade do mediador é decisiva, porque ele deve conduzir seu aprendiz, com delicadeza, por um caminho de infinitas possibilidades. Precisa soar como um convite, “um chamado”, como diz Versiani (2012). A autora completa dizendo: “Gestos simples, como de deixar um livro ao alcance da criança; contar uma história ou falar com entusiasmo de um livro que lemos são atitudes que fazem toda a diferença.” (VERSIANI, 2012, p.41)

As conclusões de Versiani (2012) corroboram as palavras de Aguiar (2011), em que esta autora garante que:

Viver rodeado de material escrito não garante o nascimento de um leitor, no entanto, o exemplo dos pais, avós, irmãos, amigos, professores e bibliotecários é decisivo para aproximar a pessoa dos livros. Mas é sobretudo o entusiasmo, o comprometimento demonstrado por meio da leitura conjunta, do diálogo sobre os assuntos lidos, das trocas de livros, dos relatos de experiências leitoras que mobilizam o novo leitor (AGUIAR, 2011, p.110).

## Tipos de Leitores

Figura 14- Tipos de Leitores representados por animais



Fonte: Miriam Benke (2013)

Em sua tese de doutorado, Ângela da Rocha Rolla (1995 *apud* Aguiar, 2011) pesquisou sobre o perfil de leitores, encontrado entre os professores. Essa classificação, conforme relatada por Aguiar (2011), foi sintetizada com relação à quantidade, aos modos e aos interesses de leitura. São eles:

O não leitor – aquele que apresenta comportamento avesso à leitura literária;

O leitor apressado – costuma ser um sujeito dinâmico, muito ocupado com o trabalho, lê para se informar dos acontecimentos recentes e para se atualizar em assuntos diversos, como política, religião, pedagogia, psicologia, espiritismo;

O leitor superficial – lê eventualmente, sem privilegiar um tipo de leitura e não manifesta preocupação com o valor estético das obras;

O leitor compulsivo – é eclético, vai do HQ ao último lançamento de um escritor valorizado pela crítica, tudo lhe desperta a curiosidade;

O leitor técnico – aquele que faz leituras para estudo. A leitura literária está ausente, porque a científica lhe toma todo o tempo disponível;

O leitor escolar – o professor que lê com um objetivo principal: indicar obras literárias para os alunos;

O leitor profissional – não é um leitor ingênuo, pois lê para analisar estilos, buscando o valor estético das obras;

O leitor diletante – é considerado um leitor ingênuo, que lê sem conhecimento prévio, por puro prazer. Tem um livro de ficção na cabeceira e lê obras de autores consagrados ou conhecidos, preferindo literatura de consumo fácil.

Destaco, por ser pertinente, que o foco da formação de leitores está também no estímulo de sua capacidade criativa e crítica. A apresentação a esses leitores de uma diversidade de linguagens e mídias proporcionará, sem dúvida, a possibilidade de despertar uma leitura crítica, um olhar mais aguçado para os temas desenvolvidos, que os tornarão habilitados para a produção não só de uma leitura crítica e criativa, como também de desfrutar do prazer da leitura.

Versiani diz ainda que: “Ser capaz de ler criticamente e, também, de desfrutar todas as linguagens dos meios de comunicação e das artes é, portanto, uma necessidade de vida. É uma necessidade que temos de suprir para que possamos ter uma vida boa, de qualidade, bem desfrutada e bem vivida”. (VERSIANI, 2012, p. 52)

## **2.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

### **A Contação de Histórias**

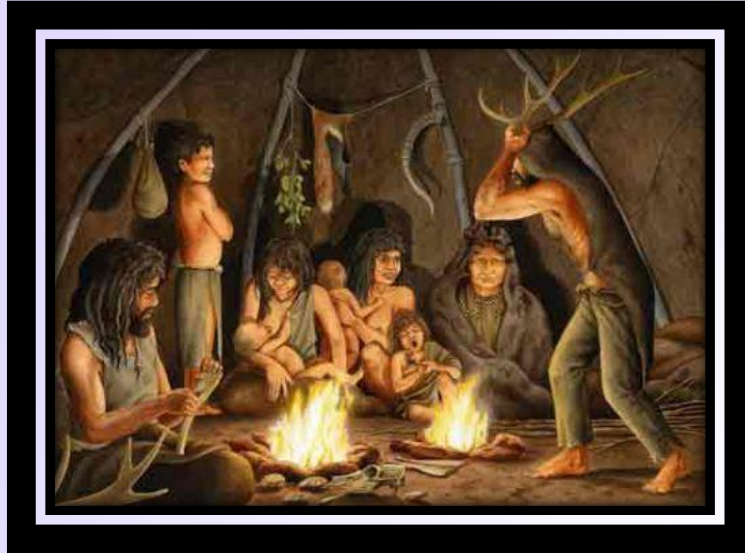
A contação de histórias nasce com a humanidade, pois “falar sobre e encadear acontecimentos, acrescentando-lhes uma interpretação, são atributos humanos” (COSTA, 2008, p.47)

Houve, ao longo dos tempos, múltiplas manifestações de narrativas humanas no sentido de perpetuar suas experiências e vivências. Essas narrativas constituíram saberes e ficções, que foram disseminados por diversas culturas, e construíram o que se chama, em nossos dias, de História.

Na Antiguidade, o teatro dos rituais religiosos, durante séculos, ocupou praças e templos. Esse tipo de representação, em que estão fundamentados a narração dos fatos, pensamentos e sentimentos do

homem, foram agregados outros recursos de encenação teatral, quais sejam o palco, o cenário, a música e o figurino, como afirma Costa (2008).

Figura 15 - O Homem das Cavernas contando histórias



Fonte: Point da Arte (2011)

Durante a Época Moderna, a transformação da narrativa pode ser sentida por intermédio da inclusão de novos gêneros escritos na literatura: o romance, a novela, o conto e a crônica. Essa transformação acompanhou a evolução das sociedades, especialmente no tocante ao surgimento de novos meios de comunicação.

Na Contemporaneidade, esses gêneros foram fortemente afetados pela utilização de mídias digitais, fazendo surgir diversos outros gêneros, como as *fanfictions*, os *vlogs*, entre outros.

A arte de narrar histórias ganhou novo fôlego, expandindo-se para inúmeras possibilidades e espaços, como teatros, bibliotecas, salas de aula, recebendo inclusive o devido reconhecimento como agente do processo de formação do leitor.

Sua transformação consolidou atualmente sua natureza promotora da leitura, como constata Sisto (2015):

Dos pequenos núcleos familiares ou populacionais às salas das bibliotecas e teatros, o contador de histórias manteve-se na ordem do dia. Alguns o quiseram esquecido, outros acreditaram na força solidária de quem junta pessoas para encantar pela palavra. Mais do que agregar, o contador de histórias tornou-se obrigatório na promoção da leitura e no resgate do lúdico e da fantasia! (SISTO, 2015, p. 73).

## A Contação de Histórias como prática pedagógica

Rildo Cosson (2019), ao criticar a excessiva pedagogização da atividade de contar histórias, identifica esse fato em três momentos, presentes quando se tenta:

- ensinar regras de civilidade para as crianças, por meio do conteúdo das histórias;
- dar ênfase à mensagem que a história supostamente teria, usando-a como se fosse um conteúdo programático; e
- usar a própria história contada para solucionar um problema ou até exemplificar uma questão educacional.

Figura 16 - Práticas Pedagógicas Ultrapassadas – “Cenas de Escola” de 1960



Fonte: Restos de Coleção (2012)

O autor acredita que os tipos de práticas mencionados descontextualizam o texto literário, pois retira da literatura a sua força de expressão e liberdade, com prejuízo nas potencialidades de imaginação e fantasia:

Em síntese, quando a contação de histórias toma o texto como um mero pretexto para preleções morais e transmissão de bons hábitos, deixando de oferecer uma experiência literária (KIRCHOF; SILVEIRA, 2010). Trata-se, nesse caso, de uma das faces da escolarização inadequada da literatura, como já nos chamaram a atenção Magda Soares (2001) e Marisa Lajolo (2009), compreendendo, com a primeira, que os textos literários não podem ser pseudotextos, nem fragmentos sem textualidade e, com a segunda, que não se caracteriza como leitura literária a abordagem do texto como um índice descontextualizado de uma outra coisa de que se quer falar; um mero pretexto, enfim (COSSON, 2019, p.112).

A Contação de Histórias, para Rildo Cosson (2019) é muito mais do que uma simples estratégia pedagógica usada nas escolas para preparar as crianças para a leitura, consistindo, na verdade, em vários benefícios, que vão além da alfabetização em direção ao letramento literário, como forma privilegiada de ampliação de vocabulário; relação com o impresso; estímulo à imaginação; desenvolvimento da criatividade e do senso crítico; incorporação de modelos narrativos; incentivo à leitura; promoção de valores e crescimento emocional; e ponto de partida ou ligação entre conteúdos programáticos.

### **A Contação de Histórias na BNCC**

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, documento normativo da Educação Básica no Brasil, desde 2018, quando foi promulgado pelo Governo Federal, determina o conjunto de aprendizagens indispensáveis para que os estudantes brasileiros tenham a oportunidade de se desenvolver de modo igualitário. O documento estabelece que, durante esse período, os currículos devem ser convergidos para três categorias: conhecimentos, competências e habilidades.

Considerando que o público de interesse do presente produto educacional é de alunos dos 1º e 2º anos iniciais do Ensino Fundamental, e que o foco do estudo se concentra na área de conhecimento Linguagens, no componente curricular Língua Portuguesa, ressalta-se que, no Eixo da Oralidade está descrito que o objeto de conhecimento “compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face” (BRASIL, 2018), ocorridas na vida cotidiana.

Dentre essas situações da vida cotidiana, está expressamente indicada a Contação de Histórias, no campo artístico-literário, em que se pretende desenvolver nos alunos a habilidade de “recontar oralmente, com ou sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor” (EF15LP19).

Confirma-se, assim, no texto normativo, a relevância do tema Contação de História e sua intrínseca relação com as atividades pedagógicas.

### **A arte de narrar histórias**

A arte milenar de contar histórias pode parecer para alguns algo instintivo ou natural para um ser humano falante, mas, para Yunes (1998), essa arte precisa ser aprendida e que seu processo de formação requer o respeito ao tempo de maturação dos aspectos mais sensíveis dessa arte. A autora constata, em suas profundas ponderações, que:

Sabemos, na carne, que ninguém vira contador de histórias da noite para o dia, e que esse processo de formação somente é possível se estiver centrado numa reflexão que envolve nossas histórias de leitores, nossas necessidades de comunicação artística, nossa opção pela palavra como agente



sensível, lúdico, estético, enfim, transformador, e que, sobretudo, respeite o fluir natural do tempo, o exercício constante, sem a pressa tão comum a quem quer sair por aí, fazendo, antes de observar os sinais de maturação das coisas (até das palavras-histórias!) (YUNES, 1998 *apud* COSTA, 2008, p.48).

Figura 17 - Ilustração do livro *The Storyteller*



Ilustração de Evan Turk (2016)

Complementa Sisto (2015), o que se deve, então, fazer para tornar-se um contador de histórias:

Então, o que é necessário para que o contar histórias seja arte ao alcance de quem deseja fazê-la? Extrapolar as amarras do didático, do exemplar e do mero informativo. Saltar da obrigação de ensinamento para a noção de fruição, de prazer estético, de embelezamento da conversa trocada através de uma história, do exercício de linguagem que procura a forma adequada para dizer-se de si mesmo (Sisto, 2015, p.142).

Mas não basta boa intenção para fazer arte. A arte de contar exige um fazer anterior, um preparo, um domínio prévio, um conhecimento, estudo, ensaio, profundidade. E é, evidentemente, exercício de longo prazo. A arte de contar histórias é também a arte de não fazer concessões: contar bons textos, contar tendo preparado, contar para ir além do que se conta. No mínimo, técnica e emoção. Técnica e repertório. Na ordem que se preferir! (SISTO, 2015, p.143).

Em suma, as técnicas são necessárias, mas elas dividem essa responsabilidade com outros elementos, tais como uma boa preparação, conhecimento e domínio de bons textos.

Não pode faltar a emoção de quem conta para assim, envolver o ouvinte numa narrativa fantástica, que seduz e toca.

### 2.3 TÉCNICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

De acordo com Silva (2015), a prática de contação de histórias na sala de aula necessita de: planejamento da atividade; identificação entre aquele que conta e o texto; e estudo prévio do texto.

Segundo a autora, há outras etapas a serem cumpridas pelo contador de histórias:

- 1ª a seleção do repertório, que deve ser adequada à faixa etária e ao interesse dos ouvintes;
- 2ª o estudo da história, buscando entender o enredo, identificar a introdução, o clímax e o desfecho;
- 3ª a escolha do recurso, a técnica mais adequada para a apresentação da história.

Adereços, figurinos, cenários devem obrigatoriamente dialogar, estabelecer uma unidade narrativa, sob o risco de roubarem a cena, caso sejam muito chamativos e, assim, a história deixará de ser a protagonista.

As etapas desse estudo devem conter escolha da técnica apropriada; seleção de acessórios necessários; e definição de ênfases e entonações.

Acredita Silva (2015) ser fundamental que os ouvintes acreditem em quem conta uma história, verdadeira ou não.

### **Cuidados com a voz e a expressão corporal**

Silva (2015) orienta que a modulação da voz precisa estar em sintonia com as intenções e significados do que se quer comunicar ao ouvinte. O contador, ciente dessa informação, pode livremente utilizar nuances e coloridos e colocá-los nas palavras que profere. Complementa a autora que “por meio da voz é que os enredos são materializados e as imagens do texto são criadas na mente dos ouvintes” (SILVA, 2015, p.23).

Figura 18 - Expressão Corporal - O Aquecimento do Artista



Fonte: *Offspring* (2006), coreografia de Lukás Timulak

Continua Silva (2015), enfatizando que o domínio da expressão corporal é fundamental, uma vez que os gestos precisam ser fluidos durante as narrativas para permitirem o diálogo direto com a

história narrada, auxiliando “na visualização do que é contado, funcionando como uma extensão da história” (SILVA, 2015, p. 23).

### **Pequenos Detalhes Rituais**

O uso de pequenos detalhes rituais, nas palavras de Fox e Girardello (2004), ampliam o prazer estético dos ouvintes. Eles estão presentes em palavras características de abertura e fechamento, definindo a história em seus tempos e espaços imaginários, como por exemplo, “Era uma vez...”, “E foram felizes para sempre...”, dentre outras tantas.

Podem ser observados também por meio de elementos cênicos como uma vela que acende, ao começar a narração, e apaga, ao seu término; ou um objeto que remeta ao enredo da história, como um bastão, uma espada, uma bengala, um galho de árvore.

O primeiro fator para se alcançar uma narração que agrade e prenda a atenção dos ouvintes é a certeza que aquele que conta deve ter de que aquela história merece ser ouvida. Os autores revelam, ainda, que “partilhar com a criança a emoção e a lucidez que as histórias nos trazem é uma forma elevada de ação educacional” (FOX; GIRARDELLO, 2004, p.133).

Os autores dedicados à arte de contação de histórias, em sua maioria, ressaltam a importância da preparação adequada de um narrador de histórias.

Nesse sentido, Dohme (2010) também destaca a importância do estudo prévio da história a ser contada, apontando algumas etapas desse processo. Segundo a autora, primeiramente, deve-se proceder à escolha da história. Para isso, é necessário observar o tema, a faixa etária e interesses dos ouvintes.

Na segunda fase, o contador precisa buscar a compreensão aprofundada da história, realizando o estudo de seus elementos (enredo, personagens, ambiente, cenários e mensagem) e entendendo o fluxo do enredo (introdução, enredo, ponto culminante e desfecho), para, então, aferir o potencial educacional da história.

Na terceira e última etapa, que Dohme (2010) intitula “personalização”, se refere às adaptações que eventualmente possam ser exigidas, levando-se em conta diversos aspectos: histórias muito extensas e detalhadas ou muito resumidas, ou, ainda, a técnica que será aplicada à apresentação, o público espectador, a ambientação desejada etc.

Figura 19 - A preparação do Contador de Histórias



Fonte: Agência Désir (2021)

As técnicas a seguir descritas estão apoiadas teoricamente em Dohme (2010), em seu livro **“Técnicas de contar histórias – Um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história”**, da Editora Vozes, publicado em 2010.

### A Narração Simples

Figura 20 - Dedoches



Fonte: Buba (2020)

Figura 21 - Bonecos Bocão



Fonte: Elo7 (2018)

Figura 22 - Marionetes para o teatro de fantoches



Fonte: Artesanato Cultura Mix (2014)

Figura 23 - Dobraduras - Origami japonês (animais)



Fonte: pch.vector (2022)

É o momento de tirar proveito da voz; vivenciar e suscitar emoções; e de utilizar técnicas de suporte, tais como: livros de histórias, fantoches, gravuras, teatro de sombras, figuras sobre o cenário; marionetes, dobraduras, dedoches, maquetes, bocão, narração interativa etc. É possível que requeiram adaptações no texto para o uso de suportes.

### **A Narração com Efeitos Especiais**

São apresentações de contação de histórias que recebem elementos para aumentar as sensações e provocar maior incitação à fantasia, como por exemplo, efeitos sensoriais: sons, aromas e efeitos visuais e táteis. Essa técnica adequa-se a qualquer tipo de história. As habilidades requeridas são boa dicção, volume de voz potente, entonação dramática e expressão corporal.

Figura 24 - Cena do filme Avatar (2009)



Fonte: Produções Twenty Century Fox (2009)

O público ideal para a utilização da técnica com efeitos especiais fica em torno de 20 a 30 pessoas. O local deve ser estudado cuidadosamente antes pela pessoa que vai contar a história.

Uma das vantagens da aplicação da técnica é que ela permite a interação com os ouvintes: cantar uma música, fazer imitações, gestos. Os participantes podem se locomover pelo espaço, de acordo com os acontecimentos da narração e/ou os efeitos especiais usados.

Como benefícios dessa aplicação, aponta-se o desenvolvimento da imaginação, a desinibição, a criatividade, o senso estético e a valorização da autoestima.

Por oportuno, indica-se a seguir algumas dicas para o uso da técnica de narração com efeitos especiais, quais sejam:

- Usar caracterização simples, fáceis de colocar e tirar;
- Valorizar a ação com o uso do efeito surpresa;
- Ter todo o material que será usado à mão, porém escondido;
- Posicionar a plateia tendo em vista a pessoa do narrador e também outras pessoas ou objetos que participarão;
- Começar com técnicas simples para ir sentindo a reação da plateia;
- Cuidar para manter o elemento surpresa, que é um grande aliado nestes casos;
- Treinar antes de iniciar a narração, no caso de participações com músicas ou sons. Erros durante a execução poderão desviar a atenção;
- Informar-se da existência de pessoas alérgicas ou com fobia aos elementos que serão usados.

Figura 25 - Conjunto de efeitos sonoros estilo cômico



Fonte: br.freepik.com (2020)

Em continuação às orientações de Dohme (2010), que afirma ser a narração com efeitos especiais bastante interativa e de alta participação, essa técnica pode ser assim desenvolvida:

- Participantes sentados em círculos (preferencialmente em cadeiras) e com os olhos fechados (pode usar vendas);
- Contar a história com ênfase;
- Utilizar efeitos sonoros e sensitivos, conforme a marcação prévia na história.

Como explica a autora, os efeitos sonoros exigem uma preparação anterior, das quais destacam-se as seguintes: gravar antes; deixar intervalos suficientes para a narração que acontecerá entre um som e outro; ou pausar o áudio a cada som (depende de um operador auxiliar durante a narração); ensaiar com a forma escolhida para se habituar com ela e poder controlar a cadência da narração;

Os efeitos sensitivos citados podem ser perfume, vento, abelhas, borrifos de cachoeira (de plantas), o que a imaginação do narrador alcançar. Necessita de auxiliares para agir conforme a marcação da narração.

Ressalta Dohme (2010), que o efeito surpresa, uma ação proposital para atrair a atenção e o encantamento dos participantes, pode vir no final da história ou em qualquer outra parte que a sensibilidade do contador indicar, constituindo-se em aliado de forte impacto. Como exemplo, pode-se interromper a história em um momento que ninguém tem muita ideia do que irá acontecer, trazer um elemento que não estava sendo esperado. Fica a cargo da criatividade do contador.

## **Dramatização**

Nessa técnica, os contadores se caracterizam como os personagens da história e a interpretam. Todos os acontecimentos principais são apoiados pela fala, acrescidos de um correspondente visual. Pode-se ou não utilizar narrador, dependendo da complexidade do enredo, desde que a adaptação seja clara, a caracterização e a atuação dos atores sejam boas. Fantasias podem ser usadas, mas é preciso que haja “soluções” para elas no palco.

A dramatização é mais adequada para histórias que não exijam muitos efeitos especiais. Recomenda-se o uso de efeitos sonoros (música), cenários simples, alguma decoração de palco, como por exemplo, fumaça, luzes.

Os atores devem saber representar razoavelmente bem, ter boa dicção e volume de voz potente e boa memória.



Figura 26 – Cena de Dramatização na Educação Infantil



Fonte: Curso CPT – Teatro na Educação Infantil (2018)

A técnica de dramatização exige trabalho de equipe, ensaios e habilidade manual para as caracterizações e montagem do cenário, além de desenvolver imaginação, atenção, desinibição e afetividade.

### **Flanelógrafo/Velcômetro**

A técnica do Flanelógrafo/Velcômetro se baseia em desenhos de personagens de história em diversas posições que são afixados em um quadro (neutro ou não). Os desenhos e quadro possuem tiras de velcro para possibilitar a adesão. O contador pode narrar a história e ir colocando os personagens no quadro.

Figura 27- Flanelógrafo



Fonte: Aline Duarte Criativa (sem data)

É recomendável que as histórias precisem de pouca ou nenhuma adaptação, sendo adequada para aquelas que possuam um bom número de personagens e sejam de média complexidade com caracterizações complicadas.

A aplicação da técnica não exige o uso de efeitos especiais.

Este recurso é recomendado para poucas crianças, no máximo 20, que devem ficar sentadas em círculo aberto em volta do quadro.

O quadro deve ficar cerca de 50 cm acima dos olhos das crianças.

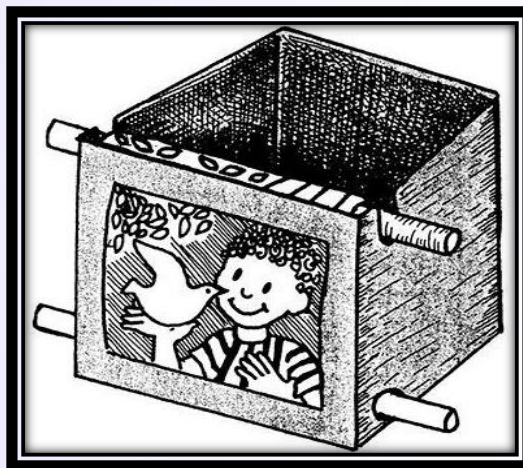
É um dos recursos que mais permite a interação entre os espectadores e o contador. Dentre seus benefícios estão o desenvolvimento da imaginação, da habilidade manual e da criatividade.

## Cinema

São gravuras de formato igual e predeterminado, coladas umas às outras para formarem um “filme”. Este é colocado na “caixa do cinema”, de modo a expor as gravuras uma a uma, à medida em que o narrador desenvolve a história

Nesta técnica, a pessoa que conta a história deve seguir o texto original, sem necessidade de fazer adaptações. Se fizer, deve aproximar-se ao máximo do que as gravuras descrevem.

Figura 28 - Caixa de Cinema Infantil



Fonte: Blog Gente Miúda (2013)

Adequa-se a histórias de grande complexidade, em que se deseja valorizar os desenhos originais ou o texto original do autor.

Em geral, não necessita de operador auxiliar. Não é aconselhável o uso de recursos adicionais para não concorrer com o texto ou com a gravura que se deseja ressaltar.

O público deve ser de, no máximo, 10 pessoas. As crianças devem ficar próximas da caixa de cinema, sentadas em círculo

A técnica auxilia o desenvolvimento da atenção, da imaginação, da informação cultural, do senso do belo e da criatividade.

### **Teatro de Sombras**

São silhuetas dos personagens da história em diversas posições afixadas em uma haste. Estas figuras são movimentadas em um teatro semelhante ao de fantoches, com uma lâmina fosca na janela e iluminação por trás. A sombra das figuras é que ilustra a narração.

A história deve ser transformada em diálogos. Para desenvolver uma cena utiliza-se o próprio personagem. Pode-se utilizar um narrador para dar o “fio condutor da história”.

Figura 29 - Teatro de Sombras com caixa de papelão



Fonte: Azul Magnésio – Kirsten Rickert (2012)

A técnica é adequada para histórias que tenham de 4 a 7 personagens.

Requer a utilização de 2 a 3 operadores. A distribuição de papéis deve ser bem planejada, para não ter operador com mais de uma figura em cena.

É um recurso adequado para histórias de média e alta complexidade. Permite o uso de músicas e efeitos sonoros especiais, cenários e efeitos: recortes de estrelas, fitas balançando, caleidoscópio de luzes, projeção de imagens etc.

Recomenda-se a apresentação para um público composto por poucas crianças (no máximo 20).

O teatro deve ficar de 50 cm a 1 metro acima dos olhos das crianças.

## Teatro de Sombras com Lençol

Figura 30 - Teatro de Sombras com Lençol



Fonte: Pedagogia UEPG4NA (2011)

Esta técnica provém da arte milenar chinesa que, a partir de figuras recortadas em cartolina, bonecos manipulados ou pessoas em frente a uma fonte de luz, lâmpada, lanterna de celular ou vela, projeta uma sombra em um suporte que pode ser um lençol branco ou uma parede.

É recomendável utilizar um espaço amplo, pois a distância entre a fonte de luz e o lençol é fundamental para garantir a nitidez das figuras.

A apresentação deve ser feita em espaços onde se possa diminuir a luminosidade local, como por exemplo, salas com cortinas.

Essa técnica utiliza poucos recursos, mas requer dedicação por parte do contador(a) para confeccionar as silhuetas, elaborar o espaço e ensaiar a maneira mais adequada de contar a história.

### Mãos que Contam

É uma técnica que trabalha com livros bordados para ler e tocar, chamada de **Mãos que Contam**. O *Blog*, cujo *link* está disponibilizado abaixo, conta a história do projeto, inaugurado em 2005, que reúne mulheres peruanas artesãs, tecelãs e bordadeiras, que costuram e bordam retalhos de pano com agulhas e linhas para criar um livro de artesanato.

*Link:* <http://manosquecuentan.blogspot.com/>

Figura 31 - Técnica de livros bordados Mãos que Contam



Fonte: Acervo *Manos que Cuentan* (2006)

O projeto nasceu da preocupação e da necessidade de apresentar a tradição oral peruana às crianças, com a criação de novos suportes artesanais da arte popular peruana, a ARPILLERA.

Para sua confecção, artesãs arpilleras juntam fios, pontos, cores e imaginação para desenhar os diferentes cenários dos contos orais, dando vida a histórias e lendas.

Os livros de tecido são interativos e apresentam personagens manipuláveis, bolsos para descobrir e cenários de textura.

Atualmente compõem o grupo *Manos que Cuentan* senhoras artesãs. Destaca-se o grande trabalho das arpilleras Dona Maria Gutierrez e Maruja Santana. A coordenação do trabalho está a cargo da narradora e produtora cultural Rosana Reategui.

Os livros bordados têm sido apresentados em exposições e contações de histórias em galerias, centros culturais, escolas, bibliotecas, feiras do livro com temas de educação intercultural, incentivo à leitura e desenvolvimento social.

### **Técnica dos Tapetes**

Esta técnica, de origem milenar, remete a Filomela, personagem da mitologia grega. Ela exige planejamento prévio com destaque para a perfeita identificação dos elementos da narrativa, pois eles garantirão a compreensão do espectador durante o desenrolar da trama.

Permite a proximidade e um contato único entre o que conta e o que ouve. A interação se dá pelo contato visual entre eles durante a narrativa.

A sensibilidade de quem conta faz a técnica ser diferente das outras técnicas.

A técnica dos tapetes exige organização do ambiente para sua utilização. O contador deve ficar à frente e na mesma altura das crianças para manipular com facilidade as personagens e, ao mesmo tempo, comunicar-se com os ouvintes.

A postura do contador deve atentar-se aos gestos, olhares, entonação da voz e emoção.

Alguns exemplos de histórias que são adequadas à técnica: “Maria Vai com as Outras” (Orthoff, 2008), “Cachinhos de Ouro”, “Dona Baratinha”, “A Festa no Céu”, “Os Três Porquinhos”, “O Veado e a Onça”, “João Bobo” (Machado, 2004).

Figura 32 - Foto de "Ciranda de Tapetes", de Daniela Fossaluzza  
Grupo Tapetes Contadores de Histórias



Foto de Claudio Medeiros (2019)

## 2.4 MULTILETRAMENTO E RECURSOS MULTIMÍDIA

### O que é Multiletramento?

O termo Multiletramento teve sua origem a partir de discussões entre um grupo de pesquisadores dos letramentos, ocorridas em conferência sobre Educação, no ano de 1996, na cidade de Nova Londres, nos Estados Unidos. O Grupo Nova Londres, como ficou conhecido, saiu em defesa da necessidade premente de as escolas adotarem e inserirem em suas práticas as, então, novas TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação); e incluírem em seus currículos a valorização da grande variedade de culturas existente nos espaços escolares, trazida principalmente por seu alunado.

Detalhando um pouco mais, o conceito de multiletramentos, segundo Rojo (2012), aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades,

principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Consiste em uma multiplicidade de culturas e de linguagens - visual (imagens), verbal, escrita, sonora, espacial, musical, plástica, corporal etc., usadas de forma interativa, com o objetivo de ampliar os métodos de ensino por meio de atividades que integrem as novas tecnologias.

As TICs identificam-se com o uso da internet, computador, câmeras fotográficas, celulares, *softwares*, aplicativos etc., no cotidiano do indivíduo na sociedade contemporânea.

### **O Multiletramento na Sala de Aula**

Segundo Lorenzini e Pádua (2012), o uso cada vez mais frequente das tecnologias digitais está transformando os modos de comunicação, exigindo o desenvolvimento de habilidades diversas, conforme as modalidades utilizadas, criando, assim, uma nova área de estudos relacionada aos recém-surgidos tipos de letramentos, ou seja, os multiletramentos.

Figura 33 - TIC na sala de aula - Alunos usando óculos de realidade virtual



Fonte: Experimento Intercâmbio Cultural (2021)

As tecnologias digitais estão introduzindo novos modos de comunicação, como a criação e o uso de imagens, de som, de animação e a combinação dessas modalidades.

Tais procedimentos passam a exigir o desenvolvimento de diferentes habilidades, de acordo com as várias modalidades utilizadas, criando uma nova área de estudos relacionada com os novos letramentos ou os múltiplos letramentos, como têm sido tratados na literatura. São eles: digital (uso

das tecnologias digitais), visual (uso das imagens), sonoro (uso de sons, de áudio) e informacional (busca crítica da informação).

A prática do Multiletramento surge da necessidade de utilizar novas ferramentas, além das costumeiras usadas na escrita manual (papel, lápis, caneta, giz e quadro) e na escrita impressa (tipografia, imprensa), para dar conta dos avanços da tecnologia contemporânea (ROJO, 2012). Agora, se lida com áudio, vídeo, tratamento de imagem, edição, diagramação, computadores etc.

Surgiram, também, os gêneros digitais, conhecidos como os textos direcionados às mídias digitais, feitos para serem lidos em dispositivos eletrônicos e aparatos tecnológicos. Exemplo: *E-mail*, fóruns, sala de bate-papo, *blogs*, *chats*, redes sociais, *weblogs*, *vlogs*, *meme*, *gif* etc.

Novas práticas escolares também são requeridas e é nesse ponto que reside o grande desafio do Multiletramento.

Figura 34 – Hipermodalidade



Fonte: Reprodução/Shutterstock (2019)

Pode-se citar como exemplo a Hipermodalidade, que, segundo Rojo (2012), é “um *design* diferenciado que interliga as modalidades” ou as multimodalidades (linguística, visual, gestual, espacial e de áudio), não mais justapondo textos, imagens e sons, mas interligando-as por meio de dispositivos eletrônicos.

Fazem parte do que se chama “Hipermodalidade”:

- o hipertexto: que, segundo o Dicionário Oxford *on-line*, é uma apresentação de texto escrito, em um monitor de vídeo, configurada de tal forma, que é possível destacar algum elemento (palavra



ou expressão), que, quando acionado (em geral feito por um clique de *mouse*), exibe um novo bloco de textos – o hipertexto – contendo informações relativas ao primeiro elemento.

- a hipermissão: considerada uma extensão do hipertexto, pois inclui, além do texto, áudio, imagem, vídeo, gráficos, animações, *softwares* etc., a partir de *links* que acionam outros documentos e assim sucessivamente.

### A Formação do Leitor dos Multiletramentos

Deve-se ter em mente que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) prevê a compreensão e a utilização de tecnologias digitais de informação e comunicação: na competência específica de Linguagens; na competência leitora de imagens em narrativas visuais; e no campo artístico-literário. Essa norma direciona os currículos da Educação Básica para uma nova metodologia que traz para o cotidiano escolar a necessidade de uso das ferramentas digitais e, conseqüentemente, seu aprendizado.

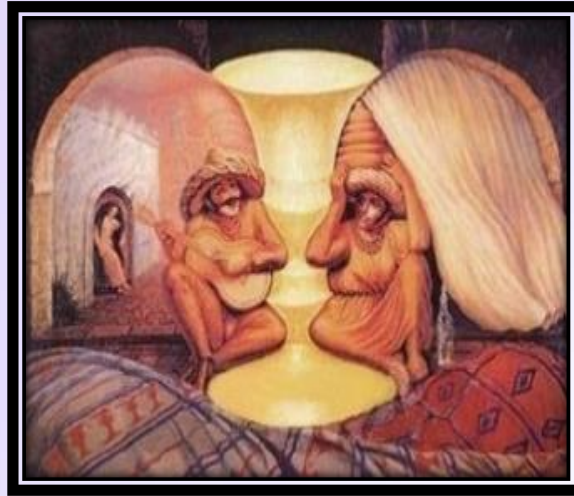
Figura 35 - O Multiletramento e a BNCC



Fonte: Redação Educa Brasil (2021)

Com relação à leitura de imagens citada anteriormente, Santaella (2012) assim se refere: “Aprender a ler imagens significa desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada têm a ver com ela” (SANTAELLA, 2012, p. 13).

Figura 26 - Leitura de Imagem - Ilusão de ótica



Fonte: Turma 44 grupo 4(2013)

A imagem e o texto escrito vêm se combinando desde o surgimento do livro ilustrado e das enciclopédias.

No entender de Santaella (2012), para melhor se conceber a ideia de ler imagens, é necessário primeiro ampliar o conceito de leitura, não se referindo à leitura apenas quando se tratar de textos linguísticos.

A autora afirma ainda que o conceito de leitor de livros deve ser expandido para o conceito de leitor da imagem e das formas híbridas de signos e processos de linguagem, exemplificando o leitor da cidade e o espectador de cinema, TV e vídeo.

A pesquisa de Santaella (2004) está baseada nos perfis cognitivos e, principalmente, nas habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas envolvidas nos processos e no ato de ler. Ela identifica três tipos de principais de leitores:

Figura 27 - Três Tipos de Leitores, segundo Santaella (2012)



Fonte: Slideshare (2012)

- o [leitor contemplativo](#) é aquele proveniente da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa, originário da idade pré-industrial, que surge no Renascimento e persiste até meados do século XIX.
- o [leitor movente](#) é aquele próprio do mundo que vive em movimento, dinâmico, um “mundo híbrido, de misturas sígnicas”, que nasce junto de grandes eventos, como o jornal, a fotografia e o cinema. Embora esse tipo de leitor tenha surgido em plena era da Revolução Industrial, perpassado todo esse período e permanecido ativo até o advento da Revolução Eletrônica, com o apogeu da televisão, ele conseguiu manter suas características básicas apontadas acima.
- o [leitor imersivo](#) é aquele que está em franco estado de emersão, convivendo e atuando “nos novos espaços incorpóreos da virtualidade”. É o leitor da era atual, que ao se mover pelo ciberespaço, traça diálogos intersemióticos, aciona aspectos sensório-motores, porém ainda solicita a presença de um mediador mais experiente.

### O que são Recursos Multimídia?

[Multimídia](#) é uma técnica para apresentação de informações que recorre simultaneamente a diversos meios de comunicação, mesclando texto, som, imagens fixas e animadas. Por mídia, entende-se os canais por meio dos quais uma mensagem é transmitida de um emissor até um receptor.

Os elementos que compõem a Multimídia são o texto, as imagens, o som (áudio), o vídeo e a animação.

Figura 28 - Recursos Multimídia - instrumentos digitais



Fonte: Blog de Fernanda Morgan (2014)

Para Lorenzi e Pádua (2012), as possibilidades de ensino são multiplicadas se utilizarmos ferramentas digitais.

Dizem esses autores que é possível formar redes descentralizadas para incentivar a interação; trabalhar com imagens (fator que modifica o conceito de comunicação); navegar por textos da *web*; utilizar animação para simplificar atividades complicadas e propiciar aos estudantes o sentimento de serem autores de seus trabalhos, uma vez que tudo pode ser publicado e exibido na internet.

### **Os Recursos Multimídia e sua aplicação na prática pedagógica**

Os alunos da etapa do Ensino Fundamental devem ser incentivados, inclusive, a analisar as diferentes formas de manifestação da compreensão ativa dos textos que circulam nas redes sociais, *blogs/microblogs*, *sites* e afins e os gêneros que circulam nesse tipo de prática de linguagem, tais como: *post* em rede social, *gif*, *meme*, *fanfic*, *vlogs* variados, entre outros.

A abordagem metodológica usada visa à compreensão de textos de gêneros digitais, de forma a possibilitar uma participação mais qualificada desse alunado do ponto de vista ético, estético e político nas práticas de linguagem da cultura digital.


O *link* abaixo é um dos sites, disponibilizado pelo Ministério da Educação (MEC), sobre o uso de recursos multimídia e a prática pedagógica:

- <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/recursos.html>


### 3 CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

#### 3.1 MÓDULO I – LITERATURA INFANTIL E LETRAMENTO LITERÁRIO

##### 1º Encontro

<p style="text-align: center;"><b>EMENTA</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Assuntos tratados no 1º encontro</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Breve história da literatura para crianças</li> <li>• O letramento literário;</li> <li>• Os gêneros textuais na literatura para crianças;</li> <li>• As principais obras e autores da literatura infantil brasileira</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>RECURSOS DIDÁTICOS</b></p>	<p>Apresentação de slides contendo material teórico e didático, referente aos assuntos constantes da ementa do encontro.</p> <p>Os slides com imagens e recursos atrativos para não dispersem a atenção dos cursistas.</p>
<p style="text-align: center;"><b>TAREFA Nº 1</b> <b>Individual</b></p> <p>Figura 29 - Capa do livro "A Outra História da Cigarra e a Formiga"</p>  <p style="text-align: center;">Fonte: Farias (2010)</p>	<p>A primeira tarefa, individual, consiste em realizar enquête com alunos ou crianças em geral (vizinhos e/ou familiares), procurando saber quais as histórias infantis que mais gostam de ouvir ou ler. Deverão ser selecionados, no mínimo, cinco títulos por enquête, colocando ao lado do título da história, quantas crianças a escolheram.</p> <p>Os cursistas devem preparar uma lista colocando o título, autor, gênero textual e temática das histórias selecionadas.</p> <p>A tarefa nº 1 foi prevista para ser executada individualmente, para que seus resultados pudessem ser diversificados e de maior abrangência. A entrega pode ser programada para a véspera do próximo encontro.</p>

## 2º Encontro

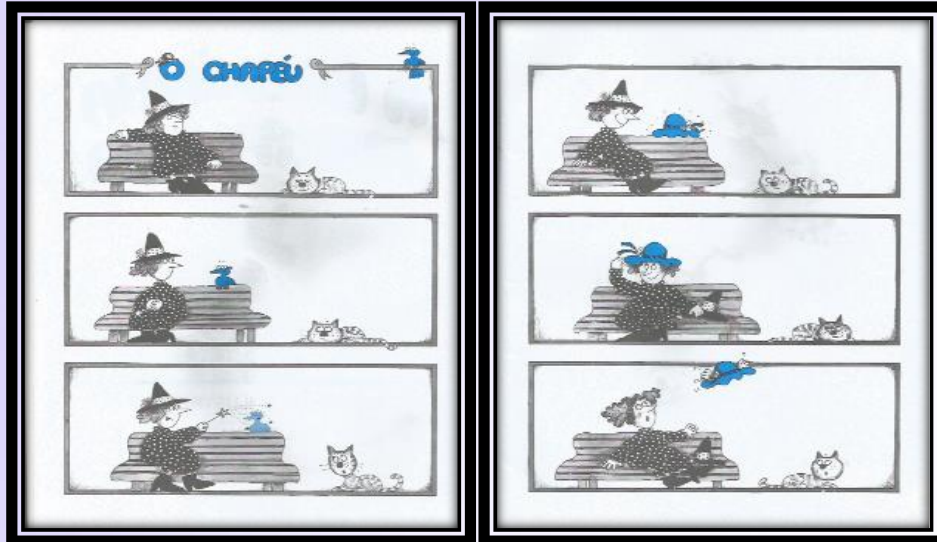
<p style="text-align: center;"><b>EMENTA</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A relação texto-imagem na literatura para crianças;</li> <li>• As adaptações dos textos clássicos da literatura infantil;</li> <li>• As múltiplas linguagens dos textos clássicos da literatura infantil; e             <ul style="list-style-type: none"> <li>• A formação do leitor crítico e criativo</li> </ul> </li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>RECURSO DIDÁTICO</b></p>	<p>Apresentação de slides contendo os pontos principais dos assuntos constantes da ementa do encontro.</p> <p>Observação: Para esta aula, especialmente, recomenda-se a confecção de slides contendo imagens que possam despertar no professor cursista o interesse pela ilustração e a capacidade de interpretá-la convenientemente.</p>
<p style="text-align: center;"><b>TAREFA nº 2</b> <b>Em grupo</b></p> <p>Figura 40- Ilustração sobre formação do leitor crítico</p> <div data-bbox="193 1115 636 1460" style="border: 2px solid black; padding: 5px; text-align: center;">  </div> <p>Fonte: : Depositphotos (2018)</p>	<p>A tarefa 2, a ser realizada em grupo, é composta por três etapas, em que o professor cursista deverá:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1º) Selecionar 5 (cinco) textos infantis para tratamento de Contação de Histórias;</li> <li>2º) Elaborar resenha crítica; e</li> <li>3º) Confeccionar listagem desta seleção, incluindo a resenha crítica de cada um deles, e sua classificação por gênero textual e temáticas.</li> </ol>

Para a explanação do item A relação texto-imagem na literatura para crianças (a ilustração), destacam-se, como exemplos, três histórias bem conhecidas pelos professores e alunos.

Experimente ler essas histórias observando os detalhes e características destacados no item o livro de imagem constantes da página 23.

A primeira história é **O CHAPÉU**, de Eva Furnari, em *A Bruxinha Atrapalhada*, São Paulo: Global, 2003.

Figura 41 - O Chapéu - páginas 1 e 2



Fonte: Furnari (2003)

Segue-se o segundo exemplo: *OUTRA VEZ*, de Angela Lago, Belo Horizonte: RHJ, 2005.

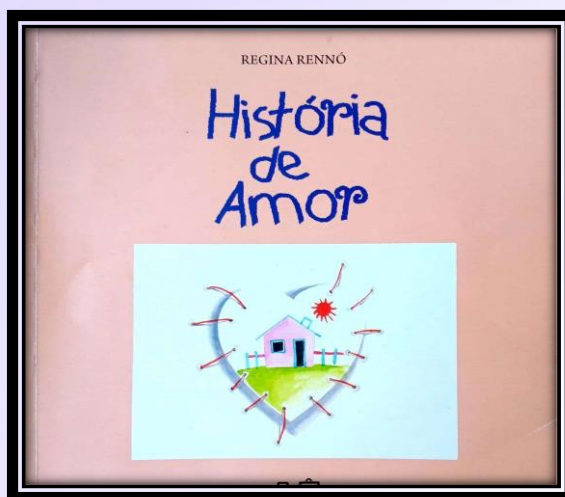
Figura 42 - Capa e contracapa de Outra Vez



Fonte: Lago (2005)

E como terceiro exemplo, destaca-se *HISTÓRIA DE AMOR*, de Regina Rennó, Belo Horizonte: Editora Lê Ltda., 2013, que pode ser exibido em vídeo disponível no *YouTube*, cujo *link* está indicado a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=VVCb9zMm39w>

Figura 43 - Capa do livro "História de Amor"



Fonte: Rennó (2013)

Como sugestão de livros a serem apresentados no item As adaptações dos textos clássicos de literatura infantil, indica-se **O Pequeno Príncipe Preto**, de Rodrigo França, e **Chapeuzinho Amarelo**, de Chico Buarque de Holanda, cujas capas ilustram o parágrafo.

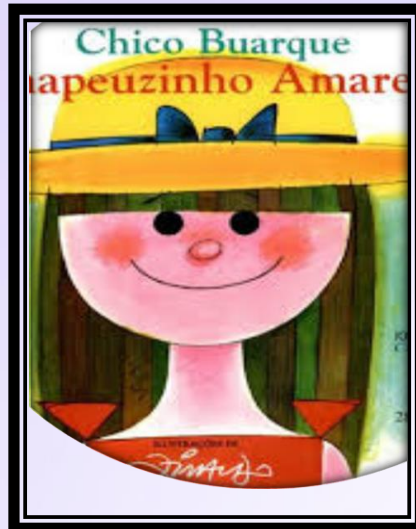
Figura 44 - Capa do livro "O Pequeno Príncipe Preto"



Fonte: Pereira (2020)



Figura 45 - Capa de Chapeuzinho Amarelo



Fonte: Ziraldo (1997)

Com relação à tarefa nº 2, prevista para ser feita em grupos, devido à quantidade de elementos para sua execução, cabe uma explicação de como organizar grupos em cursos de formato *on-line*. É preciso, em primeiro lugar, saber o quantitativo de pessoas assíduas e formar um número de grupos em que o limite de participantes não ultrapasse 5 a 6 cursistas.

É comum haver pessoas conhecidas entre si frequentando o curso. Elas mesmas costumam tomar a iniciativa de se articular com os demais e formar um grupo. Para aqueles que não conhecem seus colegas, uma das formas mais simples é oferecer um *link* de *WhatsApp* convidando-os a participar de um grupo.

Há também na internet aplicativos gratuitos, que geram grupos aleatórios para auxiliar a organização dos alunos na quantidade desejada.

Pode haver necessidade de reorganização de grupos, pois muitos participantes deixam de frequentar por motivos diversos. Pequenos ajustes podem ser feitos a qualquer tempo.

## **3.2 MÓDULO II – CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – TÉCNICAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

### **3º Encontro**


Ao iniciar o Módulo II, que pode ser considerado o cerne do curso, pois tratará da Contação de Histórias, Técnicas e Práticas Pedagógicas, sugere-se que, em um dos encontros desse módulo,

aconteça a participação de um(a) especialista na arte de contar histórias, que, por meio de palestra ou roda de conversa, faça a exibição de técnicas de expressão corporal, voz e gestos na Contação de Histórias.

Caso a palestra ocorra no 3º encontro, recomenda-se o envio prévio aos cursistas de texto introdutório sobre o assunto, conforme descrito no Apêndice A.

Para o encontro reservado para a palestra ou roda de conversa, não há tarefa específica programada.

#### 4º Encontro

<p style="text-align: center;"><b>EMENTA</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A Formação do Leitor Literário;</li> <li>• A Contação de Histórias na BNCC;</li> <li>• A Contação de Histórias como prática pedagógica;</li> <li>• As Técnicas de Contação de Histórias - Parte I</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>RECURSO DIDÁTICO</b></p>	<p>Apresentação de slides contendo os pontos principais dos assuntos constantes da ementa do encontro.</p>
<p style="text-align: center;"><b>TAREFA nº 3</b> <b>Em grupo</b></p> <p>Figura 46 - Tela em arte naif – Minha Querida Amazônia, Coração Verde e Amarelo do Brasil</p>  <p style="text-align: center;">Fonte: Azedo (1992-1993)</p>	<p style="text-align: center;">Aplicação de Técnicas de Contação de Histórias em obras selecionadas</p> <p>A tarefa consiste em escolher técnicas de Contação de Histórias adequadas a cada uma das obras selecionadas por seu grupo na tarefa 2, já cumprida.</p> <p>O trabalho a ser entregue deve conter: as obras selecionadas, seus autores, a(s) técnica(s) mais adequada(s), a faixa etária do público a que se destinam e uma breve explicação do motivo de escolha da(s) técnica(s).</p>


Com referência à Tarefa nº 3 - Aplicação de Técnicas de Contação de Histórias em obras selecionadas, o cursista deve ter em mente a faixa etária de seu público ouvinte e o gênero textual

literário a que a obra pertence. Recomenda-se a revisão do gênero textual indicado anteriormente para efetuar uma classificação correta.

Caso encontre mais de uma técnica, pode utilizá-la também. É importante esclarecer que podem ser usadas técnicas que não foram mencionadas no Curso. Esse é um momento de criatividade. Se o participante quiser juntar técnicas, poderá fazê-lo à vontade.

Deve-se lembrar que, em tarefas futuras, será realizada a montagem dessa atividade de Contação de Histórias. Portanto, é oportuno experimentar antes para realizar a aplicação mais adequada para a história.

### 5º Encontro - Técnicas de Contação de Histórias - Parte II

<p style="text-align: center;"><b>EMENTA</b></p>	<p>Apresentação das técnicas de Mãos que Contam, Tapetes e Tapetes Contadores de Histórias</p>
<p style="text-align: center;"><b>RECURSO DIDÁTICO</b></p>	<p>Exibição de <i>Blogs</i>, vídeos e filmes com apresentação de Contação de Histórias, com uso dessas técnicas</p>
<p style="text-align: center;"><b>TAREFA n° 3</b> <b>Em grupo</b></p> <p>Figura 47 - Imagem de livro bordado na técnica de arte peruana Arpillera</p> <div data-bbox="188 1245 715 1653" style="text-align: center;">  </div> <p>Fonte: Acervo <i>Manos que Cuentan</i> (2008)</p>	<p>Rever a tarefa iniciada na etapa anterior e adaptar aos novos conhecimentos advindos das aulas sobre técnicas e práticas pedagógicas.</p>

Para esse encontro, está programada a exibição de *Blogs*, vídeos e filmes de grupos de Contadores de Histórias com a finalidade de observar diversas técnicas de apresentação da atividade de Contação de Histórias. Como destaque, foram selecionados os grupos Mãos que Contam e os Tapetes Contadores de Histórias, ambos com larga experiência na arte de narrar histórias com um estilo muito especial.

Foram selecionados alguns vídeos com apresentações do grupo Tapetes Contadores de Histórias, cujos *links* estão disponibilizados abaixo:

O ELEFANTE, de Carlos Drummond de Andrade

- Letra do poema: <https://www.lettras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/1005565/>
- Apresentação do poema com o tapete: <https://youtu.be/5ALYeOBon4o>

A PRINCESA RATINETE, conto tradicional japonês: <https://youtu.be/aCioi4BnkE>

VISITA GUIADA 1: <https://youtu.be/CwGIyISNRE8>

VISITA GUIADA 2: <https://youtu.be/CwGIyISNRE8>

Figura 48 - Cena da apresentação do poema O Elefante, de Carlos Drummond de Andrade




Foto: Flávio Salgado/Agência Brasil/Divulgação (2021)

### 3.3 MÓDULO III – MULTILETRAMENTO E RECURSOS MULTIMÍDIA

#### 6º Encontro

<b>EMENTA</b>	<p>O que é Multiletramento?</p> <p>O Multiletramento em sala de aula</p> <p>A Formação do Leitor dos Multiletramentos</p> <p>O que são Recursos Multimídia?</p> <p>Os recursos multimídia e sua aplicação na prática pedagógica</p> <p>Recursos Digitais para Contação de Histórias</p>
---------------	---

<p style="text-align: center;"><b>RECURSO DIDÁTICO</b></p>	<p>Apresentação de slides contendo os pontos principais dos assuntos constantes da ementa do encontro.</p> <p>Exibição de vídeos contendo as músicas Pela Internet I e Pela Internet II, de Gilberto Gil</p>
<p style="text-align: center;"><b>TAREFA n° 4</b> <b>Em grupo</b></p> <p style="text-align: center;">Figura 49- Ilustração de uma sala de aula multimídia</p>  <p>Fonte: AMARAL; VELOSO e ROSSINI (2020)</p>	<p>Com base nas obras selecionadas na Tarefa 3, já cumprida, acrescentar recursos multimídia adequados para cada história, à escolha do participante, justificando a escolha.</p> <p>O trabalho a ser entregue deve conter: as obras selecionadas, seus autores, ilustradores, a(s) técnica(s) mais adequada(s), os recursos multimídia escolhidos, a faixa etária do público a que se destinam e uma breve explicação do motivo de escolha dos recursos.</p>

Por ocasião do 6º encontro, em que serão tratados os assuntos pertinentes aos Recursos Multimídia, convém ressaltar que as sugestões que se seguem são de fácil manuseio e utilização, podendo ser usados para atividades de Contação de Histórias em sala de aula. São eles:

Seis Aplicativos Gratuitos para Contar Histórias – Porvir, que está disponível no *link*:

<https://porvir.org/6-aplicativos-gratuitos-para-contar-historias/>

Os aplicativos são:

- Inventeca
- Crianças
- *Animal Sounds*
- *Chatterpix Kids*
- *Novel Effect*
- *Google Spotlight Stories*

## Aplicativos para animação

Esses são os melhores aplicativos para fazer animação com recursos que oferecem desenhos prontos e edição de movimentos: *Draw Cartoons 2 – animated video maker*; *FlipaClip*; *Sticky Nodes*; *Stickman Animator*; *PicsArt Animator: GIF & Video*; *Studio Stop Motion*

Eles estão disponíveis em:

<https://www.techtudo.com.br/listas/2019/05/aplicativos-para-fazer-animacao-lista-reune-melhores-apps-para-baixar.ghtml>

Apresenta-se, em seguida, como sugestão, algumas técnicas e editores de vídeo, que podem auxiliar bastante ao professor e aos cursistas:

- *CHROMA KEY* - é uma técnica de efeito visual que consiste em colocar uma imagem sobre uma outra por meio do anulamento de uma cor padrão, como por exemplo o verde ou o azul.
- *KINEMASTER* - editor de vídeo com diversas ferramentas. De fácil utilização, serve para editar, cortar, mesclar e adicionar efeitos sonoros e visuais em fotos e vídeos.
- *InShot* - também é um editor de foto e vídeo disponível para iOS ou Android, que permite aparar e dividir o vídeo, remover a parte do meio e ajustar a velocidade, adicionar adesivos e texto ao vídeo, entre outras funções.
- *ANIMAKER* - é um *software* de animação de vídeos *do-it-yourself* (#DIY) *on-line*, lançado em 2014, que traz apresentações com qualidade de estúdio ao alcance de todos. Ele é baseado na concepção de nuvem que permite aos usuários criar vídeos animados usando personagens e modelos pré-construídos.

Figura 30 - Logomarca do aplicativo multimídia *Animaker* para animação



Fonte: *Animaker.co* (2014)

Durante a apresentação da aula, para ilustrar o conhecimento que se quer divulgar acerca dos recursos digitais disponíveis, pode-se selecionar, por exemplo, dois vídeos de Gilberto Gil, com as músicas “Pela Internet I”, composta em 1997, e “Pela Internet II”, criada em 2018, as quais demonstram a agilidade com que a tecnologia digital evoluiu e se infiltrou no cotidiano da sociedade. Esses vídeos estão disponíveis nos *links* abaixo:

- Pela Internet 1

[https://www.youtube.com/watch?v=C1aYfINzA\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=C1aYfINzA_s)

- Pela Internet 2

[https://www.youtube.com/watch?v=X6BA\\_9cYhpA](https://www.youtube.com/watch?v=X6BA_9cYhpA)

Figura 31 - Gilberto Gil na gravação do *clip* Pela Internet II




Fonte: Rezende (2018)

Com relação à tarefa 4 de inserção de recursos multimídia à atividade de Contação de História, recomenda-se lembrar que, na tarefa final – de nº 5, será realizada a montagem dessa história como atividade de Contação de Histórias, sendo, portanto, ideal experimentar, testar antes para realizar a aplicação mais adequada para a história.

Podem ser usados livremente recursos multimídia que não mencionados no Curso, pois esse é mais um momento de criatividade.

### 3.4 MÓDULO IV – MONTAGEM E APRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

#### 7º Encontro:

<p style="text-align: center;"><b>EMENTA</b></p>	<p>Encontro dedicado à cultura indígena;</p> <p>A literatura de autoria indígena</p> <p>Exibição de trabalhos realizados nos moldes semelhantes aos requeridos no Curso em questão.</p> <p>Instruções para a realização do trabalho final de apresentação de atividade de Contação de Histórias, em ambiente virtual.</p>
<p style="text-align: center;"><b>RECURSO DIDÁTICO</b></p>	<p>Apresentação em slides contendo os pontos principais dos assuntos constantes da ementa do encontro.</p>
<p style="text-align: center;"><b>PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS</b></p>	<p>Leitura de artigos de autoria de Daniel Munduruku: “<i>A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígena</i>”; e “<i>Catando Piolhos, Contando Histórias</i>”</p>
<p style="text-align: center;"><b>TAREFA Nº 5</b> <b>Em grupo</b></p> <p style="text-align: center;">Figura 32 - Imagem de curumim (criança indígena brasileira)</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p style="text-align: center;">Fonte: <i>Art Station</i> (2022)</p>	<p>Montagem da apresentação da atividade de Contação de Histórias, com aplicação das técnicas e recursos multimídia selecionados pelos grupos, nos moldes e formatos específicos, conforme estipulado nas instruções detalhadas nesse encontro.</p>

O encontro pode ser aberto com a explanação da importância da Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nas escolas de



ensino fundamental e médio, obrigando assim mudanças nos currículos para considerar a riqueza e a contribuição da diversidade indígena para o entendimento da história e cultura brasileiras.

Por esse motivo, esse encontro é dedicado à literatura indígena, especificamente, no que se refere ao tema do curso – A Contação de Histórias.

Inicialmente, pode ser feita uma breve biografia de renomados escritores indígenas brasileiros como Ailton Krenak e Daniel Munduruku, por exemplo:

Figura 33 - Foto de divulgação de Ailton Krenak



Fonte: *Blog Povos Indígenas* (2016)

Ailton Krenak é um líder indígena da etnia crenaque, ambientalista, filósofo, poeta, escritor e Professor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Escreveu **Ideias para Adiar o Fim do Mundo, O Amanhã Não Está à Venda, A Vida Não é Útil**, entre outros.

Figura 34 - Foto de divulgação de Daniel Munduruku



Fonte: Luciano Avanço Fotografia (2021)

Daniel Munduruku é graduado em Filosofia e licenciado em História e Psicologia, doutor em Educação e escritor com diversos livros publicados, premiados nacional e internacionalmente.

Em seguida, proceder à leitura de artigos dos autores citados. Sugere-se, por estar dentro do contexto temático do curso, trecho do artigo de autoria de Daniel Munduruku, intitulado “*A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígena*”, que ele nomeia como *Brincando de Contar Histórias*, do livro, organizado por Fábio Henrique Nunes Medeiros e Taiza Mara Rauen Moraes, **Contação de Histórias: Tradição, Poética e Interfaces**, São Paulo: Edições SESC, São Paulo, 2015, p. 21-24, cujo trecho a ser lido pode ser encontrado no Anexo A.

A leitura deve ser refletida e interpretada pelos participantes.

A título de exemplo para a execução da tarefa atribuída na 7ª aula, pode-se exibir produções realizadas com requisitos semelhantes aos requeridos para o trabalho final do Curso, como os que se encontram às páginas 70 a 77, que foram apresentados por ocasião do Curso de Extensão já citado anteriormente.

Ainda como forma de sugestão, destaco uma experiência muito prazerosa que participei, no ano de 2021, como membro da equipe coordenadora. Trata-se do Projeto Contação de Histórias, do Colégio Estadual Júlia Kubitschek, no Rio de Janeiro, que realizou trabalhos nesses mesmos moldes aqui propostos e que foram produzidos por alunos de Curso de Formação de Professores, em nível médio, modalidade Normal. A proposta foi a adaptação de contos de fadas tradicionais, utilizando técnicas variadas de Contação de Histórias e Recursos Multimídia.

Dentre eles, destacou-se o reconto de **Rapunzel**, dos Irmãos Grimm, em que a protagonista era uma indígena amazonense de nome Potira. Todo o enredo girou em torno de problemas atuais vividos pelos povos originários, como invasão de terras, extração ilegal de madeira, entre outros.

Figura 55 – Keraná (personagem da mitologia guarani), representando Potira/Rapunzel



Fonte: Sol Devia (2018) – Mitos y Leyendas TCG

Os trabalhos foram realizados com aplicação de recursos digitais e especiais à contação da história, todos em ambiente virtual, em que os alunos construíram um *site* para exibição de suas histórias.

As histórias recontadas foram apresentadas com os recursos provenientes e adequados da técnica de utilização de múltiplas linguagens: música, poesia, dança, imagens de própria criação, figurinos, cenários, bem como com aplicação de recursos multimídia, como HQ digital, *Podcasts*, vídeos, entre outros.

Outro exemplo bastante detalhado, realizado no padrão requerido na tarefa 5, foi o trabalho final da disciplina Educação e Tecnologia do Curso de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica do Colégio Pedro II (MPPEB-CPII), produzido em grupo no ano de 2021, que consistia na construção de Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA. Além disso, foi exigida a criação e contação de história infantil para alunos do Ensino Fundamental – 1º segmento; e a aplicação de técnicas e recursos multimídia na apresentação da história.

Disponibilizo abaixo *link*, que dá acesso à íntegra da obra citada logo acima, para apreciação dos leitores: Disponível em: <https://classroom.google.com/c/MTQ2ODE1NDA4ODA4?cjc=xqvehxl>  
Último acesso em 05.06.2022

A seguir, comunica-se as instruções para a realização do trabalho final de apresentação de atividade de Contação de Histórias, em ambiente virtual, com aplicação das técnicas e recursos multimídia selecionados pelos grupos.

Por razões didáticas, visando à compreensão facilitada, as informações devem ser disponibilizadas aos participantes em etapas, a saber:

Etapa 1:

- O grupo deve escolher 1 (uma) história, dentre aquelas que seus participantes estudaram, fizeram resenha crítica, selecionaram técnicas e recursos multimídia, para realizar a montagem da atividade de Contação e Histórias, discutindo qual delas representaria o trabalho do grupo.
- Essa história escolhida pode receber outras contribuições do grupo com vistas à eficiência da aplicação das técnicas e recursos multimídia.

Etapa 2:

- Realizar a apresentação, com ou sem ouvintes, e gravá-la em formato que permita a exibição no último encontro.
- A gravação deverá ter a duração de, aproximadamente, 10 (dez) minutos.

- A apresentação deverá ser feita usando a(s) técnica(s) e os recursos multimídia escolhidos pelo grupo.

### Etapa 3


A gravação deverá ser encaminhada previamente pela plataforma digital escolhida (*Moodle*, por exemplo) e *E-mail* do(a) professor(a), para que possam ser disponibilizados todos os recursos para sua exibição.

No encerramento do penúltimo encontro, dando prosseguimento à temática da cultura indígena brasileira, pode ser feita a leitura do artigo de autoria de Daniel Munduruku, intitulado: “*Catando Piolhos, Contando Histórias*”, publicado no livro **Contaço de Histórias: Tradição, Poética e Interfaces**, 2015, cujo trecho lido pode ser encontrado no Anexo B.

Os participantes podem/devem fazer suas considerações e reflexões de forma livre.

### 8º Encontro:

#### Apresentação das montagens realizadas da atividade de Contaço de Histórias

<p style="text-align: center;"><b>EMENTA</b></p>	<p>Encontro dedicado à cultura afro-brasileira;</p> <p>Memórias de personagens de origem afro-brasileira na literatura nacional</p> <p>Apresentação de trabalhos finais de Contaço de Histórias realizados pelos cursistas.</p>
<p style="text-align: center;"><b>RECURSO DIDÁTICOS</b></p>	<p>Apresentação em slides constando as informações e materiais do encontro e de vídeos com os trabalhos dos cursistas.</p>
<p style="text-align: center;"><b>TAREFA FINAL EM GRUPO</b></p> <p>Figura 56 - Elemento da cultura afro-brasileira</p>  <p style="text-align: center;">Fonte: Descomplica Blog (2016)</p>	<p>Exibição de vídeos dos trabalhos dos grupos</p>

## PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Leitura de excertos de artigo de autoria de Rogério Andrade Barbosa (2011), intitulado *Negras Histórias* (a valorização da cultura oral afro-brasileira), com destaque para a participação de contadores de histórias de origem afro-brasileira.

Como tema para reflexão, o último encontro deverá ser iniciado com o destaque para a Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que exige a inclusão no currículo oficial da rede de ensino da temática da história e cultura afro-brasileira, desde o ensino fundamental até o ensino médio em todas as escolas brasileiras.

Por consequência, as apresentações precisam ser antecedidas por leituras sobre a influência da Cultura Africana na literatura brasileira. A começar, pela leitura de excertos do artigo *Negras Histórias* (a valorização da cultura oral afro-brasileira), de Rogério Andrade Barbosa (2011), como forma de destacar e valorizar a participação de contadores de histórias, oriundos da cultura africana, na literatura infantil brasileira. O texto a ser lido pode ser encontrado no Anexo C.

Os participantes do curso podem fazer comentários livres sobre os trechos lidos, destacando inclusive a importância da valorização da cultura afro-brasileira, amparada pela citada Lei 10.639/2003.

Em seguida, são exibidos os trabalhos finais realizados pelos participantes do Curso (Tarefa 5 - Final). O ideal é que as produções tenham em média 20 minutos de duração, para a apresentação de todos os grupos no mesmo dia. Caso isso não seja possível, programe as apresentações para dois dias, para que não fique cansativo e também seja possível a solução de eventuais dificuldades nas transmissões.

Finaliza-se o encontro com outro trecho do artigo de Barbosa (2011), que ressalta a responsabilidade de todos os envolvidos com as contações de histórias:

“A valorização passa pelo reconhecimento. As palavras e as ilustrações de um livro são como um espelho. E se a pessoa não vê a sua imagem refletida, pode se sentir desinteressada e desmotivada. A sua autoestima é afetada.

Aos autores de livros para crianças e jovens, aos contadores de histórias e aos educadores cabe preservar, valorizar e divulgar as tradições orais. As histórias são importante fator de enriquecimento e afirmação de identidade social, especialmente em um país plural como o nosso” (BARBOSA, 2011, p.33).

#### 4 TRABALHOS FINAIS APRESENTADOS

Neste Capítulo, realiza-se a demonstração das tarefas finais executadas e apresentadas *on-line* pelos grupos de cursistas. Disponibiliza-se após a descrição das características de cada montagem o *link* de acesso para apreciação.

##### GRUPO 1

Figura 57 - Capa do livro Marcelo, Marmelo, Martelo, de Ruth Rocha



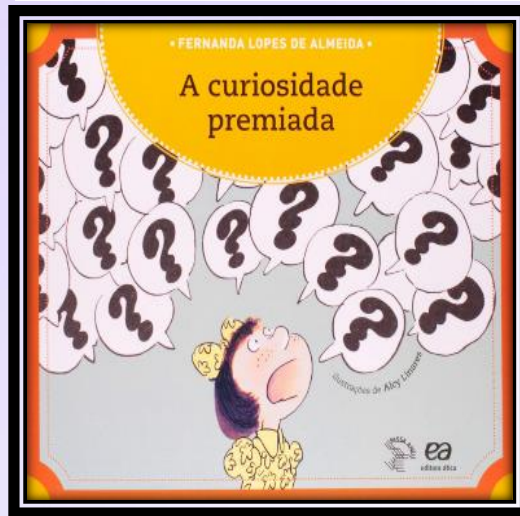
Fonte: Massarani (1976)

- Componentes: Alessandra Silva dos Santos Marinho, Carina Aparecida de Carvalho Osmar, Fabiano dos Santos Silva e Renata Fingolo Stutz Pereira
- História: Marcelo, Martelo, Marmelo
- Autora: Ruth Rocha
- Ilustrador: Mariana Massarani
- Técnica: Teatro de Sombras, com narração simples
- Recurso Multimídia: vídeo no *YouTube*

Disponível no *link*: <https://youtu.be/SfQBRnrH-Q>

## GRUPO 2

Figura 58 - Capa do livro Curiosidade Premiada, de Fernanda Lopes de Almeida



Fonte: Linhares (1978)

- Componentes: Jaqueline Alves Vargas Soares, Jullie Gabrielly Albuquerque Castro da Costa, Luana de Medeiros Albuquerque, Rayane Pereira da Silva, Thais Domingues Perni da Silva e Viviane dos Santos Silva
- História: A Curiosidade Premiada
- Autora: Fernanda Lopes de Almeida
- Ilustrador: Alcy Linhares
- Técnica: Narração simples
- Recursos Multimídia: Inventeca

Disponível no *link*: [Curiosidade Premiada.mp4](#)

## GRUPO 3

Figura 59 - Capa do livro Os Três Porquinhos, de Joseph Jacobs



Fonte: Ferreira (sem data)

- Componentes: Andréa de Araújo, Cristina Nogueira Costa, Mikaela Chaves Telles da Silva e Sabrina Branco Benevides
- História: Os Três Porquinhos
- Versão escrita por Joseph Jacobs
- Técnica: Flanelógrafo (avental) com narração interativa
- Recurso Multimídia: *InShot*

Disponível no link: <https://youtube.com/watch?v=O1F9F21WNoM&feature=share>



## GRUPO 4

Figura 60 - Capa do livro A Semente da Verdade, de Patrícia Secco



Fonte: Engel (2001)

- Componentes: Ana Claudia de Macena Freitas D'Estillac Leal, Etel Hedwiges Silva de Oliveira, Jacqueline Lima de Souza Alves, Priscila Oliveira Vieira e Rozana Soares Barbosa
- História: A Semente da Verdade
- Autora: Patrícia Angel Secco
- Ilustrador: Edu A. Engel
- Técnica: Tapete e bonecos de feltro com narração simples
- Recursos Multimídia: *InShot* e *YouTube*

Disponível no link: [https://youtu.be/mCun\\_rEKcOY](https://youtu.be/mCun_rEKcOY) ou

[https://drive.google.com/file/d/1d2w35FwCL19-McQTBaThN9Xcw8j\\_h-FE/view?usp=drivesdk](https://drive.google.com/file/d/1d2w35FwCL19-McQTBaThN9Xcw8j_h-FE/view?usp=drivesdk)

## GRUPO 5

Figura 61 - Ilustração de "Jurema, a Joanhinha Valente", de Karla Costa Velho



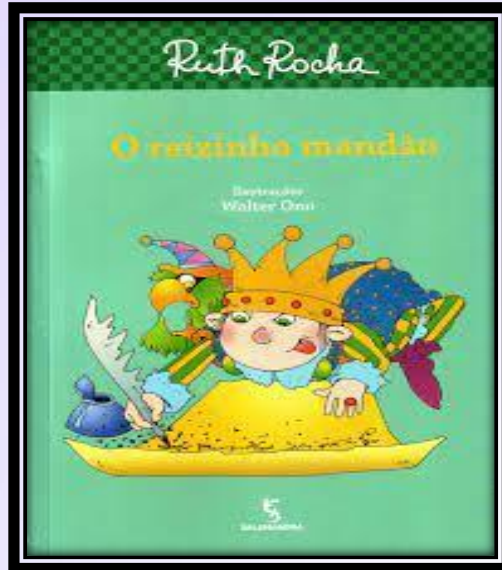
Fonte: *Blog Funverde* (2019)

- Componentes: Francine Gusmão Freire, Gildineia Arcanjo dos Santos Rosa, Karla Silvana da Costa Velho da Silva, Maria de Lourdes Martins Barros, Sabrina Silveira dos Santos, Taciana de Souza Rodrigues Scalercio e Verônica de Oliveira Amâncio
- História: “Jurema: a Joanhinha valente”
- Autoria e Narração: Karla Costa Velho
- Técnica: narrativa inclusiva com uso de fantoches
- Recursos Multimídia: Vídeo editado pelos programas: *Canva e Film Forth*, contendo ilustrações e animação, criados pelo grupo 5.

Disponível no *link*: <https://youtu.be/bljBNLXk1zk>

## GRUPO 7

Figura 62 - Capa do livro O Reizinho Mandão, de Ruth Rocha



Fonte: Ono (1973)

- Componentes: Adriana Maria Franco Filardy, Maria Christina Barbieri Rodrigues e Renata Soneghetti Cauper Pinto
- História: O Reizinho Mandão
- Autora: Ruth Rocha
- Ilustrador: Walter Ono
- Técnica: Leitura Dramatizada com adaptação da narrativa
- Recursos Multimídia: Chatter Pix

Disponível no *link*:

[https://drive.google.com/drive/folders/1RcyUoVloe7lmm4SI0qH3tN3H6Bd1HkdA?usp=share\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1RcyUoVloe7lmm4SI0qH3tN3H6Bd1HkdA?usp=share_link)

## GRUPO 8

Figura 63 - Capa do livro Brinquedos da Felicidade, de Raquel Chaves



Fonte: Pereira (2021)

- Componentes: Cássia Leite Castro, Elaniese do Socorro Lima da Silva, Fabrícia Marques Santos, Fernanda Ribeiro de Carvalho Siqueira, Josiane Leite Velozo e Renata de Oliveira Grosso
- História: “Brinquedos da Felicidade”
- Autora: Raquel Chaves
- Ilustrações: Rafael Pereira, da Editora Asinha.
- Técnica utilizada: Leitura Dramatizada
- Recurso Multimídia dos aplicativos *CamScanner*, *KineMaster* e *WhatsApp*.

Disponível no link: [Vídeo](#)

O Grupo 8 apresentou uma detalhada descrição das etapas de seu trabalho, a qual, por ser bastante didática e possibilitar esclarecimentos importantes aos futuros cursistas, fiz questão de incluir neste texto. Assim expressou-se o grupo 8:

- Primeiro, separamos os diálogos dos personagens e depois estudamos as narrativas para que elas fossem feitas conforme a Leitura Dramatizada necessita, demonstrando as emoções e entonações necessárias.

- Pedimos ajuda a uma voz masculina, pois achamos que assim ficaria mais interessante, já que nosso grupo é composto por mulheres.
- Depois, gravamos os diálogos com o aplicativo de *WhatsApp*, que além de ser também um aplicativo é gravador de áudio. Por conta da distância, conseguimos usá-lo para enviar os áudios para uni-los em um resultado final.
- Utilizamos o aplicativo *CamScanner* para escanear as ilustrações do próprio livro e fazer o recorte delas.
- No aplicativo *KineMaster* colocamos as ilustrações em ordem e transformamos em um vídeo, e nesse mesmo aplicativo adicionamos as narrações dos diálogos dos personagens, que foram feitas em outro aplicativo, mas nesse aplicativo também pode fazer gravações.

Cada ilustração fica congelada no vídeo ao mesmo tempo que os áudios dos diálogos dos personagens estão contando a história. Então é preciso cronometrar muito bem o tempo das imagens, juntamente com o tempo dos áudios no aplicativo.

Quadro 1 – Ementa do Curso de Contação de Histórias – Técnicas e Recursos Multimídia

**EMENTA**

**MÓDULO I - Literatura Infantil e Letramento Literário**

FORMATO	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
<b>Síncrono</b>	Breve história da Literatura Infantil no mundo e no Brasil O letramento literário Os gêneros textuais na literatura para crianças As principais obras e autores da Literatura Infantil brasileira e estrangeira
<b>Assíncrono</b>	<b>Tarefa 1 (individual):</b> realizar enquete com alunos, vizinhos e/ou familiares sobre os livros infantis de sua preferência
<b>Síncrono</b>	A relação texto-imagem na literatura para crianças (a ilustração) As adaptações dos textos clássicos de literatura infantil As múltiplas linguagens dos textos clássicos da literatura infantil A formação do leitor crítico e criativo
<b>Assíncrono</b>	<b>Tarefa 2 (em grupo):</b> Seleção de textos infantis, com resenha crítica, classificação por gênero textual e temáticas.

**MÓDULO II - Contação de Histórias - Técnicas e Práticas Pedagógicas**

FORMATO	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
<b>Síncrono</b>	Palestra e oficina sobre Técnicas, Voz e Gesto na Contação de Histórias com palestrante convidado(a)
<b>Síncrono</b>	A Contação de Histórias na BNCC A Contação de Histórias como prática pedagógica As Técnicas de Contação de Histórias
<b>Assíncrono</b>	<b>Tarefa 3 (em grupo):</b> Utilizando a seleção de textos já feita, estudar o texto com profundidade e escolher técnicas adequadas para cada história e justificar a escolha.
<b>Síncrono</b>	As diversas técnicas de Contação de Histórias. Exibição de vídeos e filmetes de grupos de Contação de Histórias, com a finalidade de observar diversas técnicas de apresentação de Contação de Histórias.
<b>Assíncrono</b>	Rever a tarefa iniciada no encontro anterior e adaptar aos novos conhecimentos advindos.

**MÓDULO III - Multiletramento e Recursos Multimídia**

FORMATO	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
<b>Síncrono</b>	O que é Multiletramento? O que são Recursos Multimídia? O Multiletramento em sala de aula Os recursos multimídia e sua aplicação na prática pedagógica
<b>Assíncrono</b>	<b>Tarefa 4 (em grupo):</b> Com base no trabalho feito anteriormente, inserir, ao material já produzido, recursos multimídia.

**MÓDULO IV - Montagem e apresentação de Contações de Histórias**

FORMATO	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
<b>Síncrono</b>	Instruções para a realização do trabalho final de apresentação de atividade de Contação de Histórias, em ambiente virtual, com aplicação das técnicas e recursos multimídia, bem como os ensinamentos produzidos nas oficinas.
<b>Assíncrono</b>	<b>Tarefa 5 (em grupo):</b> Montagem e realização de apresentação de atividade de Contação de Histórias, nos moldes estipulados.

<b>Síncrono</b>	Apresentação virtual das montagens realizadas da atividade de Contação de Histórias.
<b>DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA</b>	<b>ATIVIDADES SÍNCRONAS: 15 HORAS</b>
	<b>ATIVIDADES ASSÍNCRONAS: 10 HORAS</b>

Fonte: A autora

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente **Manual Docente**, destinado àqueles que aplicarão o Curso de Contação de Histórias – Técnicas e Recursos Multimídia, é o produto educacional da pesquisa Contação Histórias, um caminho para aprimorar o letramento literário. Buscou-se, por intermédio das informações contidas no Manual, oferecer uma trilha para mais e mais professores regentes apropriarem-se da importância da Contação de Histórias para a formação do leitor literário, crítico e criativo.

É certo que um curso, realizado em ambiente virtual, com 25 (vinte e cinco) horas de carga horária, com apenas oito encontros síncronos de 2 horas cada um, permite apenas alcançar parte (talvez ínfima) do tema, almejando entre outras coisas sensibilizar aqueles que participarem do curso.

Alguns aspectos merecem especial atenção para a realização de um curso remoto de curto prazo como é o caso do qual falo, inclusive com tarefas em grupo. Pode-se citar a necessidade de acompanhamento da atuação dos grupos, na tentativa de não interferir em demasia, nem permitir que trabalhem sem a devida orientação, considerando-se que os contatos são todos virtuais. Nesse sentido, os grupos de *WhatsApp* são muito úteis, aconselhando-se a criação de um grupo com a participação de todos os cursistas e outro para a conversação entre os membros de cada grupo de trabalho.

Outro aspecto interessante a se destacar são as anotações escritas no *chat*, verdadeiro espelho do que se passa com os participantes no transcorrer da explanação dos assuntos. Na verdade, é um bom medidor do interesse dos presentes, do ritmo da explanação – se lento, rápido, entediante, interessante - apontando para a necessidade de esclarecimento, por exemplo. Recomenda-se acompanhar em tempo real e/ou copiá-lo ao final da aula para futuras providências.

É digno de realce também a participação de especialistas nos assuntos discutidos no Curso. A experiência exitosa com a atuação da atriz e narradora de histórias Daniele Ramalho, em palestra no curso experimental sobre gesto, voz e expressão corporal, leva a crer que, a critério do professor que aplicar esse modelo de curso, pode-se fazer uso dessa alternativa em qualquer módulo, sugerindo-se, por serem mais técnicos, o Módulo II (sobre técnicas e práticas pedagógicas) e o Módulo III (sobre Multiletramento e Recursos Multimídia).

Ao analisar os trabalhos executados ao longo do curso e, principalmente, a tarefa final realizada pelos grupos de cursistas, tenho convicção de que o professor perceberá o quanto os participantes de seu curso terão aprendido ao longo das oito semanas, o que foi, inclusive expressado pelos cursistas do primeiro evento.

O crédito pode ser dividido entre a metodologia empregada no curso e a persistência e empenho dos participantes. Quanto à metodologia, ressaltam-se a exposição das temáticas por meio



de módulos, que marcam nitidamente a especificidade do assunto a ser tratado; e as tarefas que são cuidadosamente planejadas para, aula após aula, receber o acréscimo do conteúdo explanado, com vistas à construção de um produto final, pronto para exibição em salas de aula, bibliotecas, espaços culturais etc.

Quanto à persistência e ao empenho dos cursistas, convém enfatizar que é necessário que cada um deles tenha bastante cuidado em buscar o material didático anexado à plataforma virtual para estudar durante a semana e entregar com pontualidade suas tarefas..

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Era uma vez...na escola. Formando educadores para formar leitores.** Belo Horizonte: Formato, 2001

AGUIAR, Vera Teixeira de. A Formação do leitor. *In* Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de Formação: formação de professores didática geral.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011 p. 104-116, v.11. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40359>. Acesso em 20.01.2022

ALCANTARA, Vicente Marinho. Logomarca do Curso de Extensão Contação de Histórias – Técnicas e Recursos Multimídia. Rio de Janeiro, 2022. 1 desenho

ALVES, Geraldo. Na Floresta (HQ) – **Contos de Fadas dos Irmãos Grimm em Quadrinhos** - capa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda., 2019 – 1 ilustração. Disponível em: <http://www.wmfmartinsfontes.com.br> . Acesso 04.05.2022

AMARAL, VELOSO, ROSSINI. Ilustração de uma sala de aula multimídia, 2020. 1 ilustração. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/11/atividadesautorais/> . Acesso em 18.05.2022

ANIMAKER.CO. Logomarca do aplicativo multimídia *Animaker* para animação, 2014. 1 ilustração. Disponível em: <https://www.animaker.co/>. Acesso em: 18.05.2022

ARTESANATO CULTURA MIX. Marionetes para o teatro de fantoches, 2014. 1 fotografia de divulgação. Disponível em: <https://artesanato.culturamix.com/cursos/passo-a-passo/como-fazer-marionetes-para-teatro>. Acesso em 12.04.2022

ART STATION. Curumim, criança indígena brasileira, 2022. 1 ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/63965257199211955/>. Acesso em: 19.04.2022

AZEDO, Aparecida. Tela em arte Naif, intitulada Minha Querida Amazônia, Coração Verde e Amarelo do Brasil, 1992-1993. 1 fotografia. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/artenaif.pdf>. Acesso em 18.05.2022

BARBOSA, Rogério Andrade. Negras histórias (a valorização da cultura oral afro-brasileira). *In* PRIETO, Benita (Organizadora) **Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes.** Rio de Janeiro: s.ed., 2011, p.31-33

BENJAMIN, Walter. **O Contador de Histórias e outros textos.** São Paulo: Hedra, 2020

BENKE, Miriam. 15 tipos de leitores representados por cães e gatos - o leitor antenado, 2013. 1 fotografia. Disponível em: <https://rockntech.com.br/15-tipos-de-leitores-representados-por-caes-e-gatos/> . Acesso em 20.05.2022

BERENZY, Alix. Rapunzel, do Conto de Fadas com o mesmo título, dos Irmãos Grimm (1995). 1 ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/623467142140939649/>. Acesso em: 17.05.2022

*BLOG DO PABLO*. Tia Nastácia, personagem de O Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, 2008. 1 desenho. Disponível em:

[http://blogdositiopicapauamarelo.blogspot.com/2008/09/resultado-da-enquete\\_26.html](http://blogdositiopicapauamarelo.blogspot.com/2008/09/resultado-da-enquete_26.html).

Acesso em: 10.06.2022

*BLOG GENTE MIÚDA*. Caixa de Cinema Infantil, 2013. 1 ilustração. Disponível em:

<https://www.pragentemiuda.org/2011/10/cineminha-com-caixa-de-papelao.html>. Acesso em

12.04.2022

*BLOG POVOS INDÍGENAS*. Ailton Krenak, líder indígena da etnia crenaque, 2016. 1 fotografia de divulgação. Disponível em: <https://www.povosindigenas.blog.br/v1/2016/02/16/ailton-krenak-professor-honoris-causa-em-sabedoria-indigena/>. Acesso em 19.04.2022

BUBA. Dedoches Buba Safari, 2020. 1 foto de divulgação. Disponível em:

<https://www.amazon.com.br/BUBA-Dedoches-Divertidos-Safari-Buba/dp/B07LH5KNB8>. Acesso

em: 12.04.2022

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2007

CHICOSKY, Regina. **Literatura Infantil**. Guarapuava: Unicentro, 2010

COSTA, Marta Morais. **Literatura Infantil**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

Disponível em <https://docero.com>. Acesso em 05.01.2022

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do Ensino da Literatura Infantil**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2013

CURSO CPT. Cena de Dramatização na Educação Infantil, 2018. 1 fotografia de divulgação.

Disponível em: <https://www.cpt.com.br/artigos/devo-trabalhar-com-teatro-na-educacao-infantil-sim-ou-nao>. Acesso em: 05.11.2022

DEPOSITPHOTOS. Formação do Leitor Crítico, 2018. 1 fotografia de fantasia. Disponível em:

<https://br.depositphotos.com/stock-photos/fantasia.html>. Acesso em 15.05.2022

DESCOMPLICA *BLOG*. Elemento da cultura afro-brasileira, 2016. 1 ilustração. Disponível em:

<https://descomplica.com.br/blog/quatro-elementos-da-cultura-afro-brasileira-que-voce-precisa-saber-para-o-enem/>. Acesso em 19.04.2022

DÉSIR, Agência. A preparação do contador de histórias – Jovem ator Samuel Minervino estudando o texto antes de gravar, 2021. 1 fotografia. Disponível em:

<https://www.facebook.com/AgenciaDesir/photos/a.1483325735064775/4022452621152061/?type=3>. Acesso em 13.04.2022

DEVIA, Sol. Keraná, personagem da mitologia guarani, representando Potira/Rapunzel – Mitos y Leyendas TCG, 2018. 1 ilustração. Disponível em: <https://pin.it/1Iplh36> e

<https://br.pinterest.com/pin/393924298660962356/>. Acesso em 19.04.2022

DISNEY Produções, Walt. *Poster* da animação Alice no País das Maravilhas, 1951. 1 ilustração. Disponível no canal do *YouTube* TVeCinema: pelo *link* <https://www.youtube.com/watch?v=tJduNNuOuyE> . Acesso em 20.05.2022

DISNEY Pictures, Walt. *Poster* do filme Cinderela, 2015. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Cinderela-O-filme-3-passos-para-a-ascensao-social-da-mulher>. Acesso em 05.06.2022

DOHME, Vânia. **Técnicas de Contar Histórias**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010

DUARTE, Aline Criativa. Flanelógrafo, (s/d). 1 fotografia de divulgação. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/450430400215396898/> ou <https://pin.it/5TV5aDn>. Acesso em 12.04.2022

ENGEL, Edu A. **A Semente da Verdade**, de Patrícia Angel Secco, capa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2001. 1 ilustração. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/A\\_semente\\_da\\_verdade/U6DmAwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0](https://www.google.com.br/books/edition/A_semente_da_verdade/U6DmAwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0). Acesso em 05.07.2022

ELO7. Bonecos Bocão, 2018. 1 fotografia de divulgação. Disponível em: <https://br.pinterest.com/bonecapeteka/bocao/>. Acesso em 12.04.2022

ESBELL, Jaider. Maikan e Tukuí - Raposas e Beija-flores – Arte indígena da etnia Makuxi, 2020. 1 ilustração. Disponível em: <https://dasartes.com.br/agenda/jaider-esbell-galeria-millan/>. Acesso em 10.08.2022

EXPERIMENTO INTERCÂMBIO CULTURAL. TIC na sala de aula – alunos usando óculos de realidade virtual, 2021. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.experimento.com.br/blog/realidade-virtual-aprenda-ingles>. Acesso em 18.05.2022

FARIA, Maria Alice. **Como usar a Literatura Infantil na Sala de Aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2010

FARIAS, Adilson. **A Outra História da Cigarra e a Formiga**, de Alessandra Pontes Roscoe, capa, 2010. 1 ilustração. Disponível em: <https://mundomirim.wordpress.com/?s=A+Outra+Hist%C3%B3ria+da+Cigarra+e+da+Formiga&searchbutton=Go%21>. Acesso em 15.05.2022

FERREIRA, Jefferson. **Os Três Porquinhos**, de Joseph Jacobs, capa, Coleção Conte uma história – Clássicos, São Paulo: Editora Rideel Ltda, s/d. Disponível em: <https://www.editorarideel.com.br/conte-uma-historia-classicos-os-tres-porquinhos>. Acesso em 05.07.2022

FOX, Geoff e GIRARDELLO, Gilka. A Narração de Histórias na Sala de Aula. In GIRARDELLO, Gilka (Org.) **Baús e Chaves da Narração de Histórias**. Florianópolis: SESC/SC, 2004

FREEPIK.COM. Conjunto de efeitos sonoros de estilo cômico, 2020, 1 ilustração. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/742671794796121274/> ou <https://pin.it/4xGZYa7>. Acesso em 12.04.2022

FUNVERDE. **Jurema: a Joaquina Valente**, de Karla Costa Velho, 2019. 1 ilustração. Disponível em: <https://www.funverde.org.br/blog/joaquina-um-poderoso-inseticida-natural/>. Acesso em 05.07.2022

FURNARI, Eva. O Chapéu, no livro **A Bruxinha Atrapalhada**, São Paulo: Global, 2003. 1 ilustração.

G1.GLOBO.COM. Cena da peça teatral A Bela e a Fera, interpretada pela trupe Dourados Produções, 2017. 1 fotografia de divulgação. Disponível em: <https://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/espetaculo-a-bela-e-a-fera-entra-em-cartaz-no-centro-cultural-sesc-gloria-em-vitoria.ghtml>. Acesso em 05.06.2022

IDEIA CRIATIVA ATIVIDADES PEDAGÓGICAS. Monteiro Lobato entre livros. 1 ilustração. Disponível em: <https://www.ideiacriativa.org/2012/01/livros-dominio-publico-para-baixar.html>. Acesso em 05.04.2021

LAGO, Angela. **Outra Vez**, capa e contracapa. 1 ilustração. Belo Horizonte: RHJ, 2005.

LARA, Walter. **Rapunzel e o Quibungo**, capa. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. 1 ilustração

LINHARES, Alcy. **Curiosidade Premiada**, de Fernanda Lopes de Almeida, capa. São Paulo: Editora Ática, 1978. 1 ilustração

LORENZINI, Gislaiane C. Correr. e PÁDUA, Tainá-Reká W. *Blog nos Anos Iniciais do Fundamental I*. In ROJO, Roxane & MOURA, E. (Orgs.) **Multiletramentos na Escola**, São Paulo: Parábola, 2012

LUCIANO/Avanço Fotografia. Daniel Munduruku, escritor indígena da etnia Munduruku, 2021. 1 fotografia de divulgação. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/07/24/interna\\_cultura.1289507/daniel-munduruku-vai-falar-sobre-seu-universo-literario-em-live-infantil.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/07/24/interna_cultura.1289507/daniel-munduruku-vai-falar-sobre-seu-universo-literario-em-live-infantil.shtml). Acesso em 19.04.2022

MANOS QUE CUENTAN. Livros Bordados para ler e tocar, 2006. 1 fotografia. Disponível em: <http://manosquecuentan.blogspot.com/2008/01/libros-bordados-para-leer-y-tocar.html>. Acesso em 12.04.2022

MANOS QUE CUENTAN. Livro bordado na técnica de peruana Arpillera, 2008. 1 fotografia Disponível em: <http://manosquecuentan.blogspot.com/>. Acesso em 12.04.2022

MASSARANI, Mariana. **Marcelo, Marmelo, Martelo**, de Ruth Rocha, capa. São Paulo: Salamandra Editora, 1976. 1 ilustração

MEDEIROS, Claudio. "Ciranda de Tapetes", de Daniela Fossaluzza - Grupo Tapetes Contadores de Histórias, 2019. 1 fotografia de divulgação. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/contadores-de-historias-infantis-dao-continuidade-uma-tradicao-milenar-23773215>. Acesso em 15.04.2022

MORGAN, Fernanda *Blog*. Instrumentos Digitais - Recursos multimídia, 2014. 1 ilustração. Disponível em: [http://static.freepik.com/fotos-gratis/icones-de-multimedia\\_423356.jpg](http://static.freepik.com/fotos-gratis/icones-de-multimedia_423356.jpg) e <https://letramentounivesp.wordpress.com/2014/09/30/web-aula-12-a-dimensao-multimedia-da-web/>. Acesso em 15.05.2022

MUNDURUKU, Daniel. *A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígena*. In MEDEIROS, Fábio H. N. e MORAES, Taiza Mara Rauen (Organizadores). **Contaço de Histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Editora SESC, São Paulo, 2015

NOGUE, Diogo. Estimulando a imaginação por meio de livro infantil, 2018. 1 ilustração. Disponível em: <https://www.diogonogue.com.br/author/diogonogue/> . Acesso em 05.06.2022

OLIVEIRA, Rui de. **A Bela e a Fera**, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015 1 ilustração

OLIVEIRA, Rui de. **Contos de Fadas e Histórias Clássicas**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021

ONO, Walter. **O Reizinho Mandão**, de Ruth Rocha, capa. São Paulo: Editora Salamandra, 1973. 1 ilustração

PCH.VECTOR. Dobraduras – Animais de origami japonês, 2022. 1 foto de divulgação. Disponível em: [https://br.freepik.com/vetores-gratis/conjunto-de-ilustracao-plana-de-animais-de-origami-japones-cavalo-de-papel-poligono-dos-desenhos-animados-lebre-passaro-sapo-peixe-e-colecao-de-ilustracao-vetorial-isolado-de-gato-conceito-moderno-de-passatempo-e-relaxamento\\_10613137.htm#query=papel%20origami&position=0&from\\_view=keyword&track=ais](https://br.freepik.com/vetores-gratis/conjunto-de-ilustracao-plana-de-animais-de-origami-japones-cavalo-de-papel-poligono-dos-desenhos-animados-lebre-passaro-sapo-peixe-e-colecao-de-ilustracao-vetorial-isolado-de-gato-conceito-moderno-de-passatempo-e-relaxamento_10613137.htm#query=papel%20origami&position=0&from_view=keyword&track=ais). Acesso em 12.04.2022

PEDAGOGIA UEPG4NA. Teatro de Sombras com Lençol, 2011, 1 fotografia de divulgação. Disponível em: <http://pedagogiauepg4na.blogspot.com/2011/05/teatro-de-sombras-o-teatro-de-sombras-e.html>. Acesso em 12.04.2022

PEREIRA, Juliana Barbosa. **O Pequeno Príncipe Preto**, de Rodrigo França, capa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. 1 ilustração

PEREIRA, Rafael. **Brinquedos da Felicidade**, de Raquel Chaves, capa, 2021. Braga: Ases da Literatura, 2021. 1 ilustração

PINTO, Ziraldo Alves. **Uma Professora Muito Maluquinha**, capa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1995. 1 ilustração

PINTO, Ziraldo Alves. **Chapeuzinho Amarelo**, de Chico Buarque, capa. 1997. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1997. 1 ilustração

POINT DA ARTE. O Homem das Cavernas contando histórias, 2011. 1 ilustração. Disponível em: <https://pointdaarte.webnode.com.br/news/a-historia-da-arte-pre-historica1/>. Acesso em: 05.06.2022

POSLONIEC e HOUVEL, 2000 *In* Faria, Maria Alice. **Como usar a Literatura Infantil na Sala de Aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2010

REDAÇÃO EDUCA BRASIL. O Multiletramento e a BNCC, 2021. 1 ilustração. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/base-nacional-comum-curricular-bncc/>. Acesso em 18.05.2022

REDAÇÃO SOU BH. Cena da peça teatral Pluft, o Fantasma, 2019. 1 fotografia de divulgação. Disponível em: <https://soubh.uai.com.br/noticias/gerais/claudia-abreu-e-pluft-o-fantasma>. Acesso em 05.06.2022

RENNÓ, Regina Coeli. **História de Amor**, capa, Belo Horizonte: Editora Lê Ltda., 2013. 1 ilustração

RESTOS DE COLEÇÃO BLOGSPOT, de José Leite. Práticas Pedagógicas Ultrapassadas, “Cenas de Escola” de 1960. 1 ilustração. Disponível em: <https://www.pinterest.pt/pin/686447168178390591/>. Acesso em 15.04.2022

REZENDE, Rogério. Gilberto Gil na gravação do clip *Pela Internet II*, 2018. 1 fotografia de divulgação. Disponível em: <https://www.cidadedamidia.com.br/gilberto-gil-canta-e-conta-ciencia-inspiracao-e-ai/>. Acesso em: 19.04.2022

RICKERT, Kirsten. Azul Magnésio. Teatro de Sombras com caixa de papelão, 2012. 1 fotografia de divulgação. Disponível em: [Teatro de Marionetes das Sombras | Azul Magnésio \(kirstenrickert.com\)](http://teatrodemarionetes.com.br/azul-magnesio). Acesso em 12.04.2022

ROJO, Roxane e MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola, 2012

ROJO, Roxane e BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodalidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015

ROLLA, Ângela da Rocha. **Professor: perfil de leitor**. 1995. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995, *apud* AGUIAR, Vera Teixeira de. A Formação do leitor. *In* Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de Formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011 p. 104-116, v.11. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40359>. Acesso em 20.01.2022

SALGADO, Flávio/Agência Brasil/Divulgação. Grupo Tapetes Contadores de Histórias, contando o poema **O Elefante**, de Carlos Drummond de Andrade, 2021. 1 fotografia de divulgação. Disponível em : <https://www.otempo.com.br/entretenimento/dia-internacional-dos-contadores-de-historia-tem-programacao-online-1.2462035>. Acesso em 12.04.2022

SANTAELLA, Lúcia. **Como eu ensino - Leitura de Imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012

SILVA, Valéria Santos da. Foi assim que me contaram, foi assim que contei: diálogos e reflexões sobre a narração de histórias *In: A arte narrativa na infância: prática para o teatro da leitura e a contação de histórias*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

- SISTO, Celso. **Texto e Pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3ª ed. Belo Horizonte: Aletria, 2015.
- SLIDESHARE. Três Tipos de Leitores. Navegar no Ciberespaço, de Lúcia Santaella, 2012. 1 ilustração. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/jairepassos/tipos-de-leitor>. Acesso em 18.05.2022
- SHUTTERSTOCK, Reprodução. Hipermodalidade, 2019. 1 ilustração. Disponível em: <https://portalamazonia.com/noticias/ice-da-ufam-promove-7-semana-de-ciencia-e-tecnologia-a-partir-desta-sexta-feira>. Acesso em 18.05.2022
- SOUZA, Renata Junqueira de (*et al*). **A Arte Narrativa na Infância: práticas para o teatro e a contação de histórias**. Campinas: Mercado de Letras, 2015
- TATAR, Maria. **Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013
- TIMULAK, Lukás. Expressão Corporal – O aquecimento do artista. Coreografia do espetáculo *Offspring*, 2006. 1 fotografia. Disponível em: <http://maxdanielartes.blogspot.com/2013/06/expressao-corporal-o-aquecimento-do.html>. Acesso em 12.04.2022
- TURMA 44 GRUPO 4. Leitura de Imagens – ilusão de ótica, 2013. 1 ilustração. Disponível em: <https://turma44grupo4.wordpress.com/2013/06/09/leitura-de-imagens/>. Acesso em 15.04.2022
- TURK, Evan. *The Storyteller*, capa do livro. Nova York: *Atheneum Books for Young Readers*, 2016. 1 ilustração. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Storyteller-Evan-Turk/dp/1481435183>. Acesso em 15.04.2022
- TWENTY CENTURY FOX PRODUÇÕES. Cena do filme Avatar, do ano de 2009. 1 ilustração (divulgação). Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/em-cartaz/avatar-esta-prestes-a-quebrar-um-recorde-bilionario-nos-cinemas>. Acesso em 15.04.2022
- VERSIANI, Daniela B. *et al*. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura PUC-RIO, 2012
- WORDPRESS.COM - *site* Cinema, Cultura & Afins, *Poster* do Filme Pinóquio, de Matteo Garrone, 2020. 1 fotografia. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=Cinema%2C+Cultura+%26+Afins+filme+Pin%C3%B3quio%2C+2020&tbm=isch&ved=2ahUKEwion7HnlIf\\_AhXrkZUCHeT6BKUQ2cCegQIABAA&oeq=Cinema%2C+Cultura+%26+Afins+filme+Pin%C3%B3quio%2C+2020&gs\\_lcp=CgNpbWcQA1CtGFjQiQFg1pABaABwAHgAgAGwAYgBIRmSAQQwLjI1mAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWfAAQE&sclient=img&ei=PXNqZOiMGuj1sQP5PWTqAo&bih=675&biw=1441&hl=pt-BR#imgsrc=i1K5yK-k-l9mYM](https://www.google.com/search?q=Cinema%2C+Cultura+%26+Afins+filme+Pin%C3%B3quio%2C+2020&tbm=isch&ved=2ahUKEwion7HnlIf_AhXrkZUCHeT6BKUQ2cCegQIABAA&oeq=Cinema%2C+Cultura+%26+Afins+filme+Pin%C3%B3quio%2C+2020&gs_lcp=CgNpbWcQA1CtGFjQiQFg1pABaABwAHgAgAGwAYgBIRmSAQQwLjI1mAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWfAAQE&sclient=img&ei=PXNqZOiMGuj1sQP5PWTqAo&bih=675&biw=1441&hl=pt-BR#imgsrc=i1K5yK-k-l9mYM). Acesso em 15.01.2021
- YAWANAWÁ, Kátia Husharu. Sonhos Yawanawá - Trabalho produzido por artista da etnia Yawanawá, 2014. 1 ilustração. Disponível em: <http://arteculturaindigena.blogspot.com/2014/02/katia-hushahu-yawanawa.html>. Acesso em: 10.08.2022



YUNES, Eliana. **É contando que se dá a ler.** Teresina: Letras em Revista, V.05, n.02. jul./-dez, p. 09-22, 2014

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura.** Curitiba: Ibplex, 2010

## APÊNDICE A

### MATERIAL DE LEITURA PRÉVIA ANTES DA PALESTRA SOBRE TÉCNICAS, VOZ E GESTOS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

#### CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – TÉCNICAS E RECURSOS MULTIMÍDIA

#### MÓDULO II – TÉCNICAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Aparecida Maria Peres Mainenti (MPPEB-CPII)

Figura 64 - Logomarca do Curso de Extensão Contação de Histórias - Técnicas e Recursos Multimídia



Autor: Vicente Marinho de Alcantara (2022)

*“Uma história é uma carta que chega de ontem para nós. Cada pessoa que a reconta acrescenta a ela sua palavra e a envia para o amanhã”. (G. H. Papashvily)*

A Contação de Histórias é uma atividade que se confunde com a existência e a permanência do homem no planeta Terra, como uma das mais antigas formas de comunicação. Ela permite a transmissão de saberes e conhecimento de mundo. Mesmo antes de nossos antepassados utilizarem a fala como comunicação, eles contavam histórias por gestos e expressões faciais, manuais ou outro qualquer meio.

A arte de contar histórias recebeu inúmeras definições de escritores contemporâneos ativos nesse ofício, das quais destaco a do escritor peruano Mário Vargas Llosa, que a qualifica como uma atividade primordial, intrínseca à natureza emocional do ser humano:

É uma atividade primordial, uma necessidade da existência, uma maneira de suportar a vida. Para conhecer o que somos, como indivíduos e como povos, não temos outro recurso do que sair de nós mesmos e, ajudados pela memória e pela imaginação, projetar-nos nessas ficções; é refazer a experiência, retificar a história real na direção que nossos desejos frustrados, nossos sonhos esfarrapados, nossa alegria ou nossa cólera reclamem. (LLOSA, MÁRIO VARGAS LLOSA *apud* YUNES, 1998, p.12)

Aquele que se dedica à arte de narrar histórias, o contador de histórias, empresta sua alma, dá vida a uma história que vem de sua experiência pessoal ou de outrem ou, até mesmo, fruto de uma imaginação fértil. Segundo Yunes (2004), os contadores de histórias são os responsáveis, em tradições diversas, “pela memória da cultura e pela inclusão de anônimos no corpo de uma civilização” (p. 10).

Para o grupo de contadores de histórias Morandubeté, do Rio de Janeiro, em atuação há mais de vinte anos, essa figura imprescindível da narrativa oral assim se define:

O contador de histórias é um todo orgânico que se expressa através da voz, do corpo, das expressões faciais, como resultado de um estímulo que tem sua raiz no texto contado, mas previamente elaborado em termos de imagens, ritmo, movimentos, memória, emoções, silêncio e treinamento (MORANDUBETÁ *apud* COSTA, 2008, p.48).

Eliana Yunes (1998) *apud* Costa (2008) complementa a definição do Grupo Morandubeté, afirmando que:

Sabemos, na carne, que ninguém vira contador de histórias da noite para o dia, e que esse processo de formação somente é possível se estiver centrado numa reflexão que envolve nossas histórias de leitores, nossas necessidades de comunicação artística, nossa opção pela palavra como agente sensível, lúdico, estético, enfim, transformador, e que, sobretudo, respeite o fluir natural do tempo, o exercício constante, sem a pressa tão comum a quem quer sair por aí, fazendo, antes de observar os sinais de maturação das coisas (até das palavras-histórias!) (YUNES, 1998 *apud* COSTA, 2008, p.48).

O notável escritor Walter Benjamin (2012), em seu livro **O Contador de Histórias**, publicado em 2020, pela Editora Hedra, assim se expressou sobre essa figura de fundamental importância na literatura: “O contador de histórias deixa sua marca no conto, assim como o oleiro deixa a impressão de sua mão na argila do vaso (...) Assim, deixa sua marca naquilo que conta de diversos modos, seja como aquele que o viveu, seja como aquele que o relata”. (BENJAMIN, 2012, p.32).

## AS TÉCNICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Vamos considerar primeiramente que o objetivo de nosso curso está voltado para a prática da contação de histórias por professores. Na busca de referencial teórico para a minha pesquisa, encontrei em Celso Sisto (2015), contador de histórias, um dos fundadores do Grupo Morandubeté e professor, respaldo que me encorajou a seguir com a ideia. Ele diz assim:

Então, o que é necessário para que o contar histórias seja arte ao alcance de quem deseja fazê-la? Extrapolar as amarras do didático, do exemplar e do mero informativo. Saltar da obrigação de ensinamento para a noção de fruição, de prazer estético, de embelezamento da conversa trocada através de uma história, do exercício de linguagem que procura a forma adequada para dizer-se de si mesmo (SISTO, 2015, p.142).

O autor continua com suas palavras de orientação para quem quer contar histórias, mas não domina as técnicas desta arte e não se sente capaz de atuar com o esmero que elas exigem:

Mas não basta boa intenção para fazer arte. A arte de contar exige um fazer anterior, um preparo, um domínio prévio, um conhecimento, estudo, ensaio, profundidade. E é, evidentemente, exercício

de longo prazo. A arte de contar histórias é também a arte de não fazer concessões: contar bons textos, contar tendo preparado, contar para ir além do que se conta. No mínimo, técnica e emoção. Técnica e repertório. Na ordem que se preferir! (SISTO, 2015, p.143).

Observa-se, então, que as técnicas são necessárias, sim, mas elas dividem essa responsabilidade com outros elementos, como uma boa preparação, conhecimento e domínio de bons textos. Não pode faltar a emoção de quem conta para, assim, envolver o ouvinte numa narrativa fantástica, que seduz e toca.

Na intenção de sistematizar a prática de contação de histórias na sala de aula, Valéria Santos da Silva, no livro **A Arte Narrativa na Infância** (2015), ensina sobre a necessidade de planejamento da atividade por parte do(a) professor(a), ressaltando a importância da existência de uma identificação entre o narrador e o texto que será narrado, por meio do estudo prévio do texto. Esse estudo compreende algumas etapas, quais sejam:

- a escolha da técnica apropriada a ser utilizada,
- a seleção de acessórios necessários para a contação e
- a definição de ênfases e entonações a serem dadas ao texto.

É fundamental que os ouvintes acreditem em quem conta uma história, verdadeira ou não. Isso, segundo a autora, só é possível a partir do estudo e planejamento da atividade.

Revela ainda Silva (2015) algumas etapas a serem seguidas:

- 1) a seleção do repertório, que deve ser adequada à faixa etária e ao interesse dos ouvintes;
- 2) estudo da história, buscando entender o enredo, identificar a introdução, o clímax e o desfecho; e
- 3) a escolha do recurso, a técnica mais adequada para a apresentação da história.

Já Walter Benjamin (2020) ressalta que outros elementos também entram na estreita relação da prática de contar histórias: alma, olho e mão. Em suas palavras, esses três elementos:

Interagindo, determinam uma prática com a qual não estamos mais acostumados. O papel da mão na produção tornou-se mais restrito e o lugar que ela ocupava no contar histórias foi deixado de lado. (Pois contar histórias não é de modo algum, do ponto de vista sensível, apenas um trabalho da voz. No autêntico contar, a mão atua decisivamente, apoiando o que é dito de diversos modos, com seus gestos aprendidos por experiência no trabalho). A antiga coordenação de alma, olho e mão, que aparece nas palavras de Valéry, é artesanal, e é ela que encontramos onde quer que a arte de contar esteja em seu domínio (BENJAMIN, 2020, p.56).

Os contadores de histórias contemporâneos parecem concordar com Benjamin quanto à relação entre os elementos corporais e a narrativa. Desse modo, Celso Sisto (2015) descreve-a:

Contar histórias pode ser uma sinfonia. Desde que nesta sinfonia, orquestrada com palavras, entrem todos os instrumentos: do sopro da respiração, ao metal da voz; do dedilhar do corpo, ao ribombar do olhar.

Contar histórias pode ser uma opereta. Desde que nesse gênero cênico do conto, as partes embaladas pelo ritmo da fala se alternem com o que se narra com alma” (SISTO, 2015, p.141).

Silva (2015), da mesma forma, enfatiza outros fatores relevantes na contação de história, quais sejam, o cuidado com a voz e a expressão corporal e aponta que:

A modulação da voz deve ser feita de acordo com as intenções e significados daquilo que se quer comunicar ao outro. Com essas informações em mente, o narrador tem liberdade para dar nuances e coloridos às palavras que saem da sua boca. Por meio da voz é que os enredos são materializados e as imagens do texto são criadas na mente dos ouvintes. Também fundamental é o domínio da expressão corporal, pois os gestos realizados durante as narrativas, se forem fluidos, permitem o diálogo direto com aquilo que é narrado, auxiliam na visualização do que é contado, funcionando como uma extensão da história (SILVA, 2015, p. 23).

Prossegue Silva (2015) em seus ensinamentos, focando agora na necessidade de haver bastante critério na utilização de adereços, figurinos e cenários, os quais devem obrigatoriamente dialogar, estar de acordo, estabelecer uma unidade narrativa, sob o risco de roubarem a cena, caso sejam muito chamativos e a história deixará de ser a protagonista.

Nessa mesma linha, Fox e Girardello (2004) enfocam a importância do uso desses recursos com naturalidade para que o efeito se estabeleça fluidamente e nenhum adereço mais complicado afaste a atenção das crianças do mais importante: a história. Afirmam, também, que “...é importante que os elementos cênicos utilizados estejam em harmonia com o universo simbólico do conto...” (FOX; GIRARDELLO, 2004, p.132).

Os autores chamam a atenção para pequenos detalhes rituais que podem auxiliar o(a) professor(a) a concretizar o momento da história, bem como ampliar o prazer estético dos ouvintes. Eles podem ser palavras características de abertura e fechamento, definindo a história em seus tempos e espaços imaginários, assim como elementos cênicos como uma vela que acende, ao começar a narração, e apaga, ao seu término; um objeto que remeta ao enredo da história, como um bastão, uma espada, uma bengala, um galho de árvore.

Eles destacam que o primeiro fator para se alcançar uma narração que agrade e prenda a atenção dos ouvintes é a certeza que o narrador deve ter de que aquela história merece ser ouvida. Finalizam assegurando que “partilhar com a criança a emoção e a lucidez que as histórias nos trazem é uma forma elevada de ação educacional” (FOX; GIRARDELLO, 2004, p.133).

## ANEXO A

## BRINCANDO DE CONTAR HISTÓRIAS

Daniel Munduruku

Figura 65 – Sonhos Yawanawá - Trabalho produzido por artista indígena Yawanawá



Fonte: Kátia Husharu Yawanawá (2015)

*“Minha avó era uma boa contadora de histórias. Só que ela não contava as histórias, ela as vivia. Ou melhor, talvez as histórias ganhassem vida na vida que ela vivia. Era assim mesmo, um pouco claro e muito confuso. Meus primos e eu não conseguíamos definir o que ela era. E quando a víamos sorratamente sair rumo ao mato ficávamos atentos, pois sabíamos que haveria algo novo para conhecermos naquele dia.*

*Vovó era muito estranha. Parecia um duende dos mundos mágicos. Ou talvez uma fada. Ou talvez um gnomo. Meu avô a chamava de “mistério” (Iba’arem ma buk). Quando perguntávamos o porquê ele desconversava dizendo que um dia iríamos saber. Eu ficava pensando que mistério era o nome do meu avô, pois ele era muito esquisito, talvez mais que a vovó.*

*O fato é que minha avó tinha alguns segredos que ela não permitia que ninguém soubesse, e quem os conhecia não deveria contar nada, jamais. Isso nos enchia de curiosidade. Meninos que éramos, queríamos mais é conhecer as coisas da nossa família, por isso não desistíamos nunca de querer saber. A gente sentia que vovó sabia de nossos movimentos e das perguntas guardadas. Sempre que nos via, ela ria.*

*Vovô era muito estranha, já disse isso. Ela não falava com quase ninguém. Ouvia todo mundo, mas poucas pessoas conseguiam tirar de sua boca algumas palavras. Ela vivia em silêncio, mas parecia que vivia falando com um ser invisível que habitava sua cabeça ou seu coração. Raramente a víamos triste ou sem seu famoso Sorriso de Monalisa nos lábios. Era diferente, sedutor, enigmático para seu metro e meio de altura. E era por isso que eu a seguia sempre que podia.*

*Estava eu em uma ocasião próximo ao Igarapé. Brincava de pescar. Subia e descia da canoa de meu pai que estava ancorada ali. Minha mãe batia roupa mais adiante, sempre observando minha brincadeira. Algum tempo depois vi um vulto que passava entre as árvores. Eu, no fundo, sabia que era a vovó, mas fiquei com os pelos do corpo eriçados. Do alto dos meus 9 anos, a curiosidade falou mais alto e segui meus impulsos de menino-quase-homem e fui averiguar de quem se tratava. Fiz um sinal pra mamãe insinuando que iria subir mais um pouco pra fazer xixi. Ela fez apenas um sim com a cabeça abrindo o caminho para a aventura. Deslizei rapidamente em direção ao vulto. Abri espaço entre os*

*galhos das árvores baixas para não me deixar notar. À minha frente, a figura continuava andando. Vez ou outra parava, olhando para as árvores como se conversasse com elas. Nessa hora eu queria ser uma abelha só para me aproximar e ouvir aquele diálogo travado em uma língua estranha. Olhava admirado para o semblante de vovó, que continuava sereno como sempre.*

*Um barulho despertou a minha atenção. Havia mais alguém por ali. Quase me deitei no chão a fim de não me fazer notar. O segundo vulto foi se aproximando de Vovó. Fiquei pensando se devia gritar ou não para avisá-la. A prudência me mandou ficar quieto e observar a cena.*

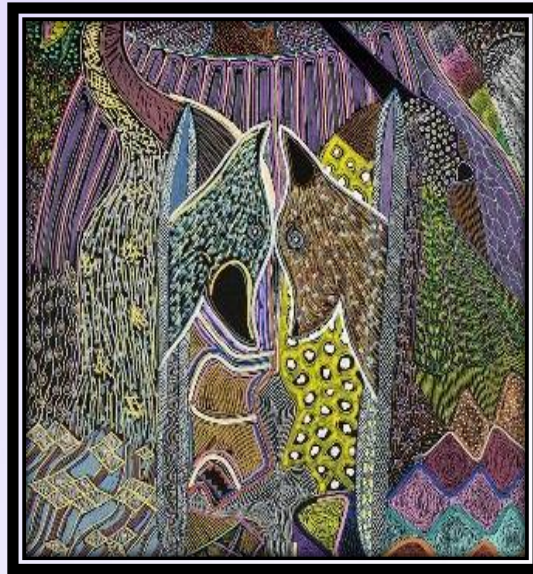
*Quem se aproximou da velha anciã não pude ver com certeza. Não parecia gente, mas tinha forma de gente. Fiquei tremendo de medo e tratei de voltar para perto da minha mãe. Quando cheguei lá ela perguntou se eu tinha visto um fantasma. Respondi que sim, e ela apenas riu da minha resposta. Continuou batendo roupa enquanto eu fiquei brincando de pescar histórias.” (MUNDURUKU, 2015, p. 21-22)*

## ANEXO B

### CATANDO PIOLHOS, CONTANDO HISTÓRIAS

Daniel Munduruku

Figura 66 - Maikan e Tukui - Raposas e beija-flores  
- Arte indígena da etnia Makuxi



Fonte: Esbell, 2020

*“Minha mãe também contava histórias. Seu método era diferente. Ela gostava de Catar piolhos em minha cabeça. No começo achei que era apenas um cuidado materno. Mas não era. Com o passar do tempo fui entendendo que ela me contava histórias enquanto perseguia meus piolhos com seus dedos ágeis e certos.”*

*Tudo acontecia de um jeito muito simples. Toda vez que eu aprontava alguma travessura - briga com os colegas, desobediência a um adulto ou desrespeito a alguém mais velho - invariavelmente ela me pegava para tirar piolhos. Algumas vezes eu dizia que já não os tinha, mas ela insistia. Bem mais tarde é que consegui juntar os pontos e atinar para um fato comum: não havia mesmo piolhos. Aquilo não passava de uma estratégia materna para “puxar minhas orelhas” por ter feito algo não adequado. O legal desse “castigo” é que eu ficava ouvindo tudo aos sussurros, porque minha mãe jamais alterava o timbre de sua voz ao falar. Aquele momento era como ouvir música entoada por uma grande cantora de ópera.*

*E que histórias ela me contava? Normalmente eram aquelas em que alguns ancestrais de nosso povo haviam sido transmutados em seres inferiores por terem quebrado regras ou desobedecido ao Criador. Foi assim que surgiram as serpentes, as capivaras, os urubus, todos os que haviam sido castigados por sua desobediência. Ela dizia:*

*\_ Quando fizer algo, pense sempre no seu grupo; pense no Criador, que nos fez este mundo tão bonito; pense nos antepassados, que nos deixaram tudo isso como herança. Não vamos desperdiçar o esforço deles, não é mesmo?*

*Depois disso, dava duas palmadas em meu bumbum e me dispensava para ir embora.*

*Mamãe gostava sempre de falar dos antepassados. Desde muito pequeno ela repetia um dizer que muito me agrada hoje. Quando nos via - meus irmãos, primos, cunhados - cansados ou cabisbaixos, por causa de algo ruim que estávamos vivendo, ela nos dizia:*



*“Nenhum de nós tem o direito de desistir. Somos filhos de nosso povo. Nossos antepassados penaram muito para que chegássemos até aqui, e não podemos desrespeitar a coragem e a luta deles. Os jovens de nosso povo têm que ser fortes e continuar essa história.*

*Acho que nunca tinha ouvido um discurso político tão bem elaborado e verdadeiro. Minha mãe sempre teve uma opinião contundente e firme, porque elaborada no convívio com as outras mulheres da comunidade, que se reuniam constantemente para traçar os passos dos filhos e dos maridos. E, mesmo que eu ainda fosse uma criança, nunca era deixado de lado nessas conversas. Fazia parte do jeito de educar de nossa gente permitir que as crianças participassem de todas as atividades e conversas comunitárias. Ainda que não entendesse metade do que falavam, podia ouvir, ver, constatar e até opinar quando conviesse.*

*Parte do que sei hoje sobre contar histórias aprendi no colo de minha mãe. Talvez me lembre pouco das histórias contadas porque era comum adormecer nos primeiros acordes de sua voz, mas a metodologia que ensinou, enquanto eu dormia ficou dentro de mim, e talvez hoje a pratique enquanto crio minhas próprias histórias” (MUNDURUKU, 2015, p. 25-26).*

## ANEXO C

### EXCERTOS DO ARTIGO NEGRAS HISTÓRIAS: A valorização da cultura oral afro-brasileira, de Rogério Andrade Barbosa

Em Menino de Engenho, de José Lins do Rego:

*“A velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia de contar histórias... Que talento ela possuía para contar suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem nenhum dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras... A velha Totonha era uma grande artista para dramatizar... Tinha uma memória de prodígio”* (BARBOSA, 2011, p.32).

Em Cazuza, de Viriato Corrêa:

*“Vovó Candinha é outra figura que nunca se apagou de minha recordação... É que ninguém no mundo contava melhor histórias de fadas do que ela. Devia ter seus setenta anos: rija, gorda, preta, bem preta e a cabeça branca como algodão em pasta... Não sei se é impressão de meninice, mas a verdade é que, até hoje, não encontrei ninguém que tivesse mais jeito para contar histórias infantis”* (BARBOSA, 2011, p.32).

Em Histórias de Tia Nastácia, Monteiro Lobato, exalta uma de suas personagens mais famosas, usando as falas de outra personagem – Pedrinho:

*“Tia Nastácia é o povo. Tudo o que o povo sabe e vai contando de um para outro, ela deve saber... - As negras velhas - disse Pedrinho - são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas... Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. Quem sabe se Tia Nastácia não é uma segunda tia Esmeréria?”* (BARBOSA, 2011, p.33).

Figura 67 - Ilustração de Tia Nastácia, personagem de O Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato



Fonte: *Blog do Pablo* (2008)